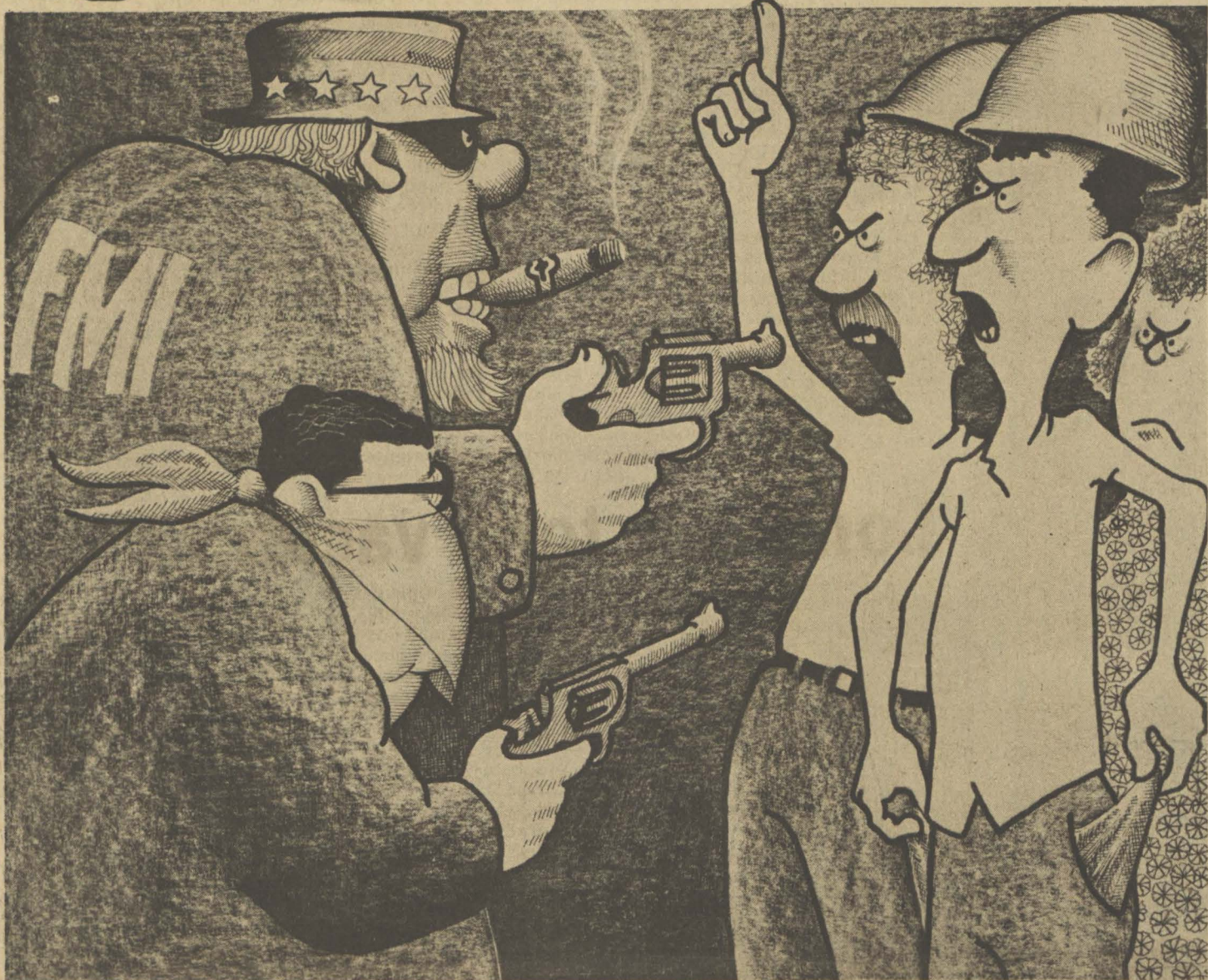


Tribuna Operária

Nº 21, ANO I, DE 22/08 A 5/09 DE 1980

PREÇO DE VENDA EM BANCAS: Cr\$ 10,00

Assalto aos trabalhadores: SALÁRIO CAIU 9%!



Enquanto a inflação subiu 43,4% em seis meses, INPC de agosto foi só de 34,4%. Política do governo é de arrocho salarial mesmo e só luta operária resolve.

Leia na página 3

Petroquímicos de Camaçari avisam: vão parar de vez

Os combativos operários baianos lutam contra intransigência patronal. Pág. 4

Na Polônia greve desmascara falso socialismo

O levante operário está na pág. 5

O garimpo de Serra Pelada é campo de concentração

Leia na Página 5



O povo se levanta contra o terror

FRENTE AMPLA REPUDIA O TERRORISMO

Página 8



Ditadores se abraçam, povo protesta

Videla, o sanguinário, no Brasil. Página 8

Editorial

Cortar o mal pela raiz

Desde que iniciou seu plantão na Presidência da República, o general Figueiredo já visitou os ditadores fascistas do Uruguai, Paraguai e Argentina. Está de viagem marcada para conversar com Pinochet, no Chile. Poucos dias antes de desencadear o golpe militar na Bolívia, o general Meza esteve no Brasil. E agora está aqui o ditador Videla, da Argentina.

O governo Figueiredo apóia e consolida sua amizade com os regimes fascistas da América Latina. E participa ativamente do aparato repressivo internacional montado por eles contra os povos. A truculenta imposição da lei contra os estrangeiros no Congresso Nacional é parte desta política.

Esta amizade com os fascistas vizinhos corresponde no plano interno à tolerância diante dos atentados terroristas. O regime militar alimenta com a impunidade a arrogância dos grupos paramilitares. De certa forma, pretende utilizá-los na sua tática de acenar com a abertura por um lado e aplicar a repressão policial por outro. Visa atemorizar os vacilantes, isolar os revolucionários e quando julgar necessário aplicar generalizadamente a violência contra o povo. O exemplo da Bolívia, repetindo o que já foi feito no Chile, deve servir para alertar os imprevidentes.

A história da América Latina mostra que as conquistas democráticas são varridas por golpes militares sempre que a burguesia se vê em dificuldades. E os trabalhadores acabam suportando sobre seus ombros as consequências da crise capitalista.

Aprendendo com a vida, os verdadeiros democratas só podem reforçar a sua unidade e isolar o regime militar. Exigir a identificação e punição enérgica de todos os terroristas. Repudiar a visita do general Videla, carrasco do povo argentino, e todas as ditaduras. Apagar de imediato a chama do terror fascista antes que ela se alastre.

Não há motivos para se alimentar ilusões nesta luta. A liberdade para o povo e a garantia contra as ameaças fascistas não serão alcançadas enquanto durar o regime atual. Assim como não será este regime que condenará os golpes militares em qualquer parte do mundo. No momento atual, em nosso país, isto depende da atividade combativa de todas as forças democráticas e de unidade popular, liquidando o regime militar. E da união com os povos da América Latina e do mundo todo. A classe operária, interessada na liberdade e no socialismo, é a força de vanguarda neste combate.

O bispo do ABC, Dom Claudio Hummes, analisando a situação atual, fez uma advertência valiosa: "Na Nicarágua, a Igreja também é contra a violência e, no entanto, esteve profundamente presente na caminhada do povo. Não optou pela violência mas respeitou a decisão do povo e o acompanhou... As resistências do Araguaia (guerrilha) e a dos índios, ainda não passam de incidentes cuja multiplicação se espera que não seja necessária".



O crescimento das favelas reflete o aumento da desigualdade social

Favelados exigem seus direitos

Belo Horizonte, MG — Mais de dois mil favelados fizeram uma concentração em frente a Assembleia Legislativa de BH, no dia 13 de agosto. Esta foi uma forma de pressão encontrada pelos favelados para exigirem as suas reivindicações.

Carregando várias faixas, com dizeres como "Habitação e pão, direito do cidadão", "Chegou a hora: terra pra quem nela mora" ou "Chega de exploração, queremos habitação", os favelados foram chegando aos grupos ao local da manifestação, que se iniciou às 18:30 horas. Inicialmente foi lido o Memorial aos Deputados, onde diziam: "Não pedimos moradia para os 400 mil favelados de Belo Horizonte, embora seja justa a reivindicação. Pedimos para 10 mil famílias em vias de perderem suas moradias para a construção de uma avenida".

A prefeitura vem fazendo várias promessas junto aos favelados, em seu programa de desenvolvimento para construção de novas avenidas. Acontece que essas promessas só ficaram no papel e o método que a prefeitura vem usando só leva à criação de outras favelas. Revoltados por verem as promessas serem negadas, os favelados se uniram em torno da UTP (União dos Trabalhadores da Periferia), que tem núcleos em 90 das 110 favelas de BH, e da Pastoral de Favelas da Arquidiocese (organizada em 20

favelas).

Representantes de várias favelas falaram durante a manifestação, denunciando as precárias condições em que vivem os favelados e assumindo firme posição de luta por novas habitações. Também estiveram presentes representantes de vários partidos políticos (PMDB, PT, PDT, PP) que manifestaram solidariedade ao movimento dos favelados. Mas o representante do PDS foi vaiado, pois os favelados já não aguentam tanta enganação.

SÃO PAULO TAMBÉM NA LUTA

Em São Paulo os favelados também têm se mobilizado, principalmente contra os abusos da Light. No dia 6 de agosto, cerca de 300 favelados ocuparam o prédio da Light, no centro de São Paulo, representando mais de 50 núcleos do Movimento Contra a Carestia dos bairros pobres.

"O povo não aguenta mais esta situação de miséria e está se revoltando. Ninguém segura mais", dizia uma moradora da favela Ponte Rasa presente na assembleia contra a Light. Houve tentativa de barrar a manifestação, mas ninguém se amedrontou. Dentro da Light, sentados nos bancos e no chão, cantando músicas de protesto e gritando inúmeras palavras de ordem, os populares resistiram às intimidações da segurança interna da empresa, que tentava barrar a

porta.

O objetivo da ida à Light foi entregar uma carta com as reivindicações da "Campanha Contra os Abusos da Light" ao responsável pela empresa estatal. Este não os atendeu, designando um subalterno para isso. Só que os representantes dos bairros também não aceitaram. Uma senhora gritou: "Se fosse uma multinacional que viesse aqui a Light atenderia. O povo não".

FAVELADOS DO CAMPO LIMPO

No dia 10 de agosto foi a vez do Movimento dos Favelados do Campo Limpo fazer uma assembleia com cerca de 400 pessoas, com representantes de mais de 40 favelas. A luta ali é para a instalação de luz nas favelas, com um relógio para cada barraco. Os favelados já tentaram por três vezes se reunir com o diretor da Light, Sérgio Bonano, mas este nunca compareceu a nenhuma reunião.

Benedito Condé, um dos líderes dos favelados, diz que a luta pela luz nas favelas de Campo Limpo começou seis meses atrás, quando o Movimento Contra a Carestia deu seu apoio. Aurélio Peres, deputado do PMDB, esteve presente na reunião dando o seu apoio. afirmou ele que "ninguém vai dar as coisas de graça não, nós é que vamos conquistar, fazendo isto que vocês estão fazendo".

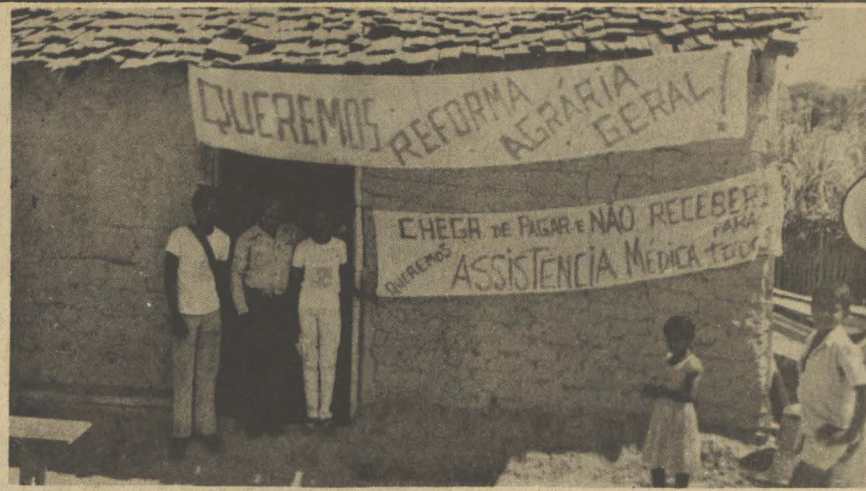
Comitê de luta contra o terrorismo

Porto Alegre, RS — Foi fundado em Porto Alegre, dia 11 de agosto, o Comitê pela Liberdade de Imprensa e Contra o Terror. Estiveram presentes mais de 150 pessoas, representantes de entidades democráticas e populares, além das sucursais gaúchas dos jornais ameaçados. O representante da *Tribuna Operária* falou de como o governo está tentando ganhar com estes atentados.

O Comitê está funcionando no Sindicato dos Jornalistas de Porto Alegre. Foram definidas várias ações para dar continuidade à luta em defesa da liberdade de expressão.

Uma outra entidade vem se somar em defesa da população de Porto Alegre. No dia 13 deste mês foi criada a Comissão de Justiça e Direitos Humanos da Assembleia Legislativa. No encontro, que reuniu cerca de mil pessoas, usaram da palavra uma moradora de bairro, uma camponesa, dom Claudio Hummes, bispo do ABC paulista, o sindicalista Lauro Hoffman e o presidente da Comissão Justiça e Paz de São Paulo, José Carlos Dias.

Rosalice, a representante dos bairros, afirmou que este Comitê não deve trair "aqueles que dão seu sangue diariamente para construir a riqueza do país". Frisou ainda que depois de 16 anos de anestesia, as vilas comecem a buscar formas próprias de organização e que viram que a única solução possível é a união das forças populares. (Da Sucursal)



Posseiros de Vida Nova querem suas terras de volta

Retomar as terras

Santa Luzia, MA — Mesmo com a tentativa de desmobilização por parte de seus órgãos de classe que se encontram nas mãos dos pelegos e diante das ameaças por parte de grileiros e polícia, cerca de 200 lavradores se reuniram no povoado de Nova Vida, município de Santa Luzia, dia 20 de julho último, numa manifestação de repúdio à grilagem, hoje implantada em todo o estado de Maranhão.

Esta manifestação foi organizada pelos posseiros de Nova Vida, que em 1972 e 73 foram expulsos de suas terras por um grileiro de nome Fernandinho Vilela, com ajuda de pistoleiros e da polícia. Os lavradores, que tiveram suas casas queimadas, foram obrigados a morar nas margens da rodovia BR 222.

Com a construção da ferrovia Itaquara-Carajás, cujo traçado passa sobre o povoado de Nova Vida e com as pressões do DNER e AMZA, para que os lavradores abandonassem as margens da estrada, os posseiros viram-se na iminência de perderem novamente suas moradias. Diante destes

fatos os lavradores não encontraram outra solução senão se unirem e retomar as suas terras roubadas pelos grileiros.

Então convidaram os demais lavradores da região, a diretoria do Sindicato e diversas entidades democráticas para uma manifestação. Mas um dia antes da manifestação chegou em Nova Vida o presidente pelego do Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Santa Luzia, Honorato de Oliveira, em um helicóptero da AMZA. Não aceitando dialogar com os posseiros, Honorato chegou a apontar um revólver 38 para os lavradores presentes. E diante da revolta geral, saiu rapidamente do local e tomou o helicóptero.

Em seu número especial, "O Tapiti", boletim informativo da oposição sindical de Santa Luzia, dizia: "Como é possível que um presidente de sindicato seja capaz de apontar uma arma para um companheiro lavrador, mas não tenha a coragem de comparecer em uma reunião para apoiar os posseiros de Nova Vida que estão levando uma luta justa pela posse da terra?" (Da Sucursal)

“Combater toda vacilação”

Salvador, BA — Depois de um debate entre seus membros nos últimos meses, a Tendência Popular do PMDB da Bahia propôs realizar seu I Encontro Estadual. Três temas dominaram as discussões nas reuniões: os objetivos da Tendência Popular, seu plano de ação e sua concepção organizativa.

Segundo a proposta apresentada por Haroldo Lima, a nova situação que vai aparecendo no Brasil, caracterizada especialmente por um movimento de massas em ascensão, que se projeta num quadro de crise do regime militar, de dissensões entre setores da

classe dominante e de dificuldades no panorama internacional, está a exigir dos partidos políticos da oposição legal o desenvolvimento de uma atividade em duas frentes: a frente parlamentar e a frente de massas.

"A Tendência Popular — prossegue a proposta — é uma corrente de opinião dentro do PMDB e não pretende ser um partido dentro de outro partido, nem instrumento de divisão. Pelo contrário. Ela assume o programa do PMDB e destaca desse programa aqueles pontos que refletem mais diretamente os anseios populares, para poder melhor batalhar por

eles".

"A Tendência Popular objetiva ser o núcleo que expressa no PMDB as aspirações sentidas da oposição popular, o setor mais ativo do partido, o que lhe garantirá maior dinamismo e consequência. Deve congrega trabalhadores da cidade e do campo, estudantes e profissionais liberais, entidades democráticas e movimentos sociais de base. Deve contribuir de maneira eficaz para a luta pelo fim do regime militar e por amplas liberdades políticas. Deve pugnar para que o conjunto do PMDB avance nessa luta, combatendo no seu meio todo tipo de conciliação e vacilação".

Periferia se mobiliza para dia 27

Durante os meses de julho e agosto os participantes do Movimento Contra a Carestia mantiveram intensa e variada atividade nos bairros, particularmente na periferia e nas cidades do interior de São Paulo, além dos estados do Ceará, Bahia, Piauí, Maranhão, Goiás, Alagoas, Minas Gerais, Paraná, Rio Grande do Sul e Rio de Janeiro.

Essa atividade visava fazer finanças para que cada bairro ou cidade pudesse mandar seus representantes a Brasília no Dia Nacional de Luta Contra a Carestia, e custear os gastos com as manifestações de rua que serão realizadas simultaneamente em várias cidades.

Além disso, procurou-se mobilizar as donas de casa, os trabalhadores e todo o povo realizando reuniões no bairro, pichações, distribuições de panfletos em feiras e concentrações, colagem de cartazes, etc. Desta forma, a principal vítima da carestia, o povo pobre da cidade e do interior, prepara-se para realizar um Dia Nacional de protesto, um passo adiante em sua luta pelo congelamento dos preços dos gêneros de primeira necessidade, reforma agrária e salários condignos.

Neste dia Figueiredo terá às portas de seu palácio, representantes de vários Estados mostrando seu descontentamento com a atual política econômica.

Chega de Exploração

"Os estudantes já não aguentam mais as condições precárias de nosso ensino. Ao mesmo tempo que demitem nossos professores, nem papel higiênico temos nos banheiros. Os donos da escola não estão interessados no nível de ensino, mas só pensam no lucro deles". Assim terminou, sob aplausos, o discurso de um dos diretores do DCE-Livre da FMU-FIAM diante de uma assembleia de mais de sete mil estudantes reunidos em frente ao prédio de Direito da FMU, no dia 14 de agosto em São Paulo.

As faixas diziam: "Edevaldo ladrão, Maluf é seu patrão" referindo-se à amizade de Edevaldo Alves da Silva, dono da FMU, com Paulo Maluf; "Abaixo a exploração"; "Nenhum aumento no 2º semestre". E cantando "Abaixo a exploração, chega de ladrão" ou "ia, ia, ia, abaixo a mordomia" os estudantes da FMU decidiram boicotar as mensalidades de suas faculdades até que a diretoria da FMU-FIAM (Faculdades Metropolitanas Unidas — Faculdades Integradas Alcântara Machado) dê uma resposta positiva às suas reivindicações. Também ficou decidido uma greve de protesto no dia 21.

As principais reivindicações dos estudantes são no sentido de que não haja qualquer aumento no segundo semestre, contra o aumento de 25,7% pretendido pela FMU; pela anistia às multas; contra a demissão arbitrária de professores; pelo reconhecimento do DCE Livre por parte da reitoria.

Na FMU-FIAM estão matri-

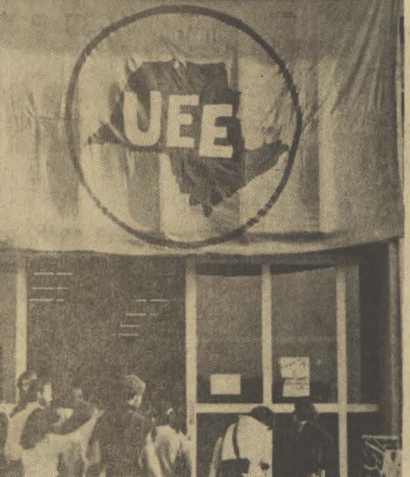
culados cerca de 27 mil alunos, divididos por 10 faculdades. O aluno deve pagar duas matrículas por ano, sendo que o preço varia de curso para curso — no de jornalismo, por exemplo, paga-se quase 9 mil cruzeiros de matrícula anual e mais as mensalidades.

Antes de decretar o boicote, os estudantes tentaram por três vezes entrar em diálogo com Edevaldo Alves da Silva, dono da FMU, afim de levar suas reivindicações, mas nada conseguiram.

“ABAIXO A MORDOMIA”

Edevaldo Alves da Silva, dono da FMU, da rádio Capital e de um escritório de advocacia, é considerado um dos mais opulentos novos ricos de São Paulo. Enquanto os estudantes da FMU lutam contra os crescentes aumentos de suas mensalidades, Edevaldo esbanja dinheiro à vontade, conforme mostrou uma reportagem do jornal *Reporter*, de agosto último.

A casa de morada de Edevaldo tem uns oito mil metros quadrados de área construída e uma cachoeira natural no meio da sala. O último presente que Edevaldo deu a Paulo Maluf foi uma lancha no valor de 2,5 milhões de cruzeiros. Para Hélio Ribeiro (diretor da rádio Capital), ele deu no ano passado um Mercedes e uma casa. Edevaldo é um dos maiores fregueses do restaurante Padock, onde gasta 50 mil cruzeiros por noite.



Chapa para eleições da UEE/SP

Os estudantes universitários do estado de São Paulo já estão se mobilizando para as eleições da UEE a se realizar nos dias 24 e 25 de setembro próximo. Já estão configurados três campos distintos de ação política nestas eleições. Uma destas chapas fará seu lançamento oficial dia 9 de setembro, às 20 horas, na PUC de São Paulo.

Os principais pontos do programa desta chapa consistem na defesa intransigente dos interesses dos estudantes, como a luta pelo ensino público e gratuito, voltado para os interesses da maioria da população; combate firme a todos os projetos anti-populares da ditadura, como a lei dos estrangeiros, a tentativa de adiamento das eleições municipais de novembro, o arrocho salarial e a entrega da Amazônia; luta pela instalação de uma Assembleia Constituinte livre e soberana, convocada por um governo que garanta as mais amplas liberdades políticas. Seus adeptos ressaltam ainda que pretendem travar um cerrado combate não só à ditadura, como também às propostas conciliadoras que visam apenas amainar as contradições do povo com o poder militar.

Tribuna Operária

Conselho de direção: Rogério Lustosa, Bernardo Joffily, Olívia Rangel, Dilair Aguiar; Jornalista responsável: Pedro de Oliveira
Redação: Rua Conselheiro Ramalho, 501, Bela Vista - São Paulo, Capital, CEP 01325, tel 36-7531.
Sucursais: Rio de Janeiro: R. Joaquim Silva, 11, s/307 - Lapa CEP 20241; Minas Gerais: R. Contorno Rodoviário, 345/355 - Cidade Industrial, Contagem CEP 34000; Bahia: R. Padre Vieira, 5, s/307 - Salvador CEP 40000; Rio Grande do Sul: R. Gen. Canabara, 52 s/ 29 - Centro, Porto Alegre CEP 90000. A Tribuna Operária é uma publicação da Editora Anita Garibaldi Ltda. Composta e impressa na Cia. Editora Jorúes. fone: 531-8900 - SP

ASSINE A TRIBUNA OPERÁRIA

Um jornal pelos direitos dos trabalhadores, pela liberdade, pela democracia popular e o socialismo.

ASSINATURA ANUAL DE APOIO

Nome _____
Endereço _____
Bairro _____
Estado _____
Cidade _____
CEP _____
Fone _____

Estou remetendo um cheque de Cr\$500,00 para a Editora Anita Garibaldi Ltda. Banco Itaú Agência Jacupai - conta nº 03154 - São Paulo - Capital.

Enver Hoxha



O imperialismo e a revolução

Introdução de João Amazonas

“Obra de fôlego, indispensável a todos os que lutam por um futuro feliz, é um verdadeiro programa do marxismo-leninismo”.

Pedido de compra:

Nome: _____
Endereço: _____
Bairro: _____
Estado: _____
Cidade: _____
CEP: _____
Fone: _____

Estou enviando o cheque de R\$ no valor de Cr\$ 400,00, em nome da Editora Anita Garibaldi Ltda, Rua Beneficência Portuguesa, n.º 44, sala 206, SP, CEP 01033.

REPRESSÃO EM GOIÁS



O calibre da cápsula acima, encontrada na Fazenda Rio Doce, dá uma idéia da selvageria que moveu os órgãos repressivos ao abaterem os jovens Márcio Beck e Maria Augusta, enquanto dormiam.

Assassinatos a sangue frio

Mais um crime que o regime militar quer encobrir

O povo brasileiro avança na elucidação dos crimes e arbitrariedades cometidas pelo regime dos generais na época negra da repressão. As investigações do jornalista Antônio Carlos Fon, de um diário de Goiânia, levaram à descoberta do metralhamento de Maria Augusta Thomas e Márcio Beck Machado, ex-integrantes do Movimento de Libertação Popular, ocorrido na madrugada de 17 de maio de 1973, em um rancho da Fazenda Rio Doce, no município de Rio Verde, Goiás.

Rara selvageria
O assassinato, praticado friamente por cerca de 40 homens do DOI-CODI do II Exército, da Polícia Federal, das Polícias Militar e Civil do Estado de Goiás, aconteceu por volta de 1 hora da manhã, enquanto Maria e Márcio dormiam. Após cercarem o rancho, um dos assassinos oficiais chamou por Neusa, nome falso que Maria usava para escapar à perseguição da ditadura. Depois, começou a fuzilaria, covardemente, sem qualquer aviso ou voz de prisão. A violência praticada foi tanta que Márcio teve a cabeça separada do corpo pelas rajadas de

VIOLENCIA NA FREGUESIA SP

“Foi obra do sr. Maluf”

Deputado espancado acusa governador

Sérgio Santos, deputado estadual em S. Paulo pelo PMDB (Tendência Popular) foi uma das vítimas da sessão de pancadaria promovida quando o governador Paulo Maluf esteve na Freguesia do Ó. “Não há dúvida — diz ele — de que a violência praticada contra os moradores foi arquitetada pelo sr. Salim Maluf. Havia um interesse em intimidar. Logo em seguida, constatamos que quem participou da violência foram elementos da polícia, da P-2, das Administrações Regionais da Prefeitura, agindo como força paramilitar. Nós conhecemos a região e sabemos que as pessoas que bateram eram policiais mesmo”.

Sobre a iniciativa de constituir uma Comissão Especial de Inquérito na Assembleia Legislativa

O GOVERNO E A CRISE

Convulsão social à vista

Um arripio desagradável percorre a espinha dos meios burgueses. Os primeiros a dar o sinal de alarme foram políticos da oposição conservadora e liberal: Tancredino Neves, Magalhães Pinto, Olávo Setúbal, Tales Ramalho, Saturnino Braga, Paulo Brossard e outros. Agora foram dois figuras do próprio governo: Jarbas Passarinho, líder do PDS no Senado, e Antônio Carlos Magalhães, governador da Bahia. Todos disseram, em tom de advertência, que o Brasil caminha para uma revolução social.

Passarinho está com medo

Os operários conscientes fazem sua política própria, de classe, independente. Mas também acompanham com atenção a política de todas as outras classes e setores, aliados ou não, para poder tirar lições. Tome-se por exemplo a declaração do coronel Passarinho, dedo-duro em 1964, ex-ministro do Trabalho arrochador de salários e signatário do Ato 5. Em resumo ele disse: 1) que caminhamos para “uma grande comoção social”; 2) que por isso é preciso uma “união nacional” entre o governo e a oposição; e 3) que tudo tem que ser feito “sem a convocação da Assembleia Constituinte”.

O primeiro ponto mostra até que ponto se espalhou entre os exploradores o medo de que os explorados resolvam que chegou a hora do ajuste de contas. “Os assalariados não vão esperar indefinidamente que as coisas melhorem” — disse Passarinho. Com a crise e as últimas lutas dos tra-



Sergio Santos contra Maluf para apurar os fatos, Sérgio Santos considera que ela “tem que ser muito objetiva” e acrescenta: “Neste caso existem pistas que dão condições para termos um começo e um fim. Se não vamos colocar os responsáveis na cadeia, pelo menos vamos indicar quem são. Já temos

balhadores, essa gente dá-se conta de que construiu uma vida de luxo e privilégio em cima de um barril de pólvora. O segundo ponto é uma proposta de saída que molhe a pólvora do barril sem prejudicar a minoria exploradora. Apesar do nome pomposo de união nacional, significa na verdade um acerto ao nível das classes dominantes. Mas esbarra na má vontade dos donos do poder, que até hoje mandam sozinhos e não querem saber de sócios.

E finalmente, o ponto de honra do governo Figueiredo: não à Constituinte. O governo pode chegar até a aceitar a transformação do Congresso atual numa “Assembleia Constituinte” biônica, mas não quer saber de votação livre para o povo dizer como deve organizar-se este país. Constituinte de verdade, só por cima do cadáver do governo que aí está.

A insegurança do governo

Isso ocorre porque o governo sabe que é profundamente impopular, que a vontade do povo é acabar com ele e o quanto antes. A Secretaria de Comunicações divulgou uma “pesquisa de opinião pública” dizendo que o prestígio do general-presidente até que não é mau. Pura mentira. Se fosse assim, por que o governo não aceita a melhor das pesquisas, que é o voto? Por que insiste em violar a própria Constituição atual, recusando-se a realizar as eleições deste ano? Por que o próprio Figueiredo enfiou-se pessoalmente na campanha contra as eleições?

POLÍTICA SALARIAL DO GOVERNO

ARROCHO EM AÇÃO

O fim dos reajustes semestrais dos salários é um plano, mas o arrocho do INPC já é um fato. FMI faz pressão para arrochar ainda mais. Campanhas salariais serão teste de força decisivo para barrar investida antioperária.

AS LOROTAS DO DELFIM

6 DE SETEMBRO DE 1979

“Estamos trabalhando para reverter o ritmo inflacionário do país até dezembro”.

10 DE OUTUBRO DE 1979

“A partir de 80 começará a saída definitiva para a crise e a tendência inflacionária começará a sofrer reversão”.

1 DE JANEIRO DE 1980

“Não só a correção monetária será de 45% neste ano como também a inflação se situará nesse mesmo nível”.

22 DE ABRIL DE 1980

“A inflação brasileira continuará ascendente até junho, sofrendo uma reversão no segundo semestre”.

29 DE MAIO DE 1980

“Estou confiante de que a inflação neste ano descerá do patamar de 80% para cerca de 50%”.

12 DE JULHO DE 1980

“Não sei em quanto, mas sei que a inflação começará realmente a cair em dois ou três meses”.

14 DE AGOSTO DE 1980

“Minha esperança é obter uma redução paulatina do crescimento do Índice Geral de Preços ainda neste segundo semestre”.

O governo está patrocinando um verdadeiro assalto patronal ao bolso do trabalhador. O INPC, que serve de base para os reajustes semestrais dos salários, continua despencando. Em março, era de 40,9%; em agosto já baixou para 34,4%. Isso quando a taxa de inflação nos seis meses anteriores (fevereiro a julho) foi de nada menos do que 43,4%. Feitas as contas, fica um buraco de 9% entre um e outro índice. Em seis meses os reajustes emagreceram 9%!

Governo não sabe o que faz

Enquanto isso, o general Figueiredo mandou seus ministros “debaterem” o fim dos reajustes semestrais e a volta ao esquema anterior de um reajuste por ano, para os trabalhadores menos mal pagos. Durante semanas, Delfim Netto, Murilo Macedo e companhia jogaram com declarações e desmentidos nas páginas da imprensa. Ao final, ficou evidente que o governo não sabe o que faz. Esgotou-se o seu arsenal de truques. Ficou resolvido que tudo fica como está até que mude alguma coisa. Afinal, não é indispensável mudar a lei salarial para continuar arrochando os salários, como mostra a manipulação do INPC.

A avalanche de propostas, contrapropostas, “debates” e “estudos” que caem no vazio mostra até que ponto chegou a falência da política econômica oficial. Os boatos sobre a substituição de ministros são outro sintoma do mesmo problema. O próprio Delfim Netto, que há 12 meses chegava à Secretaria do Planejamento posando de salvador da pátria, agora está na ccrda bamba e há quem aposte que não tarda a cair. Figueiredo anda nervoso, dando socos em mesas e gritando com todo mundo. É a imagem do fracasso.

O time do super-arrocho

Mas há quem tenha uma receita pronta para oferecer ao governo — ou para impor, se ele continuar caminhando às cegas. São os imperialistas americanos, europeus e japoneses, os banqueiros da Wall Street, da City e



companhia, reunidos no todo-poderoso *Fundo Monetário Internacional*, o FMI. No fundo, eles têm o controle da política econômica do governo, pois controlam a astronômica dívida externa do Brasil — 56 bilhões de dólares. E têm também todo um time de testes-de-ferro que anda fazendo propaganda da sua “solução”: Roberto Campos, Mário Simonsen, Eugênio Gudin, Gouveia de Bulhões e outros.

Qual é a “solução” do FMI? É o super-arrocho, o fim dos reajustes semestrais conquistados a duras penas pelos assalariados, a queda ainda mais brusca do valor real dos salários e ainda por cima a disseminação do desemprego.

Quem pode deter o arrocho

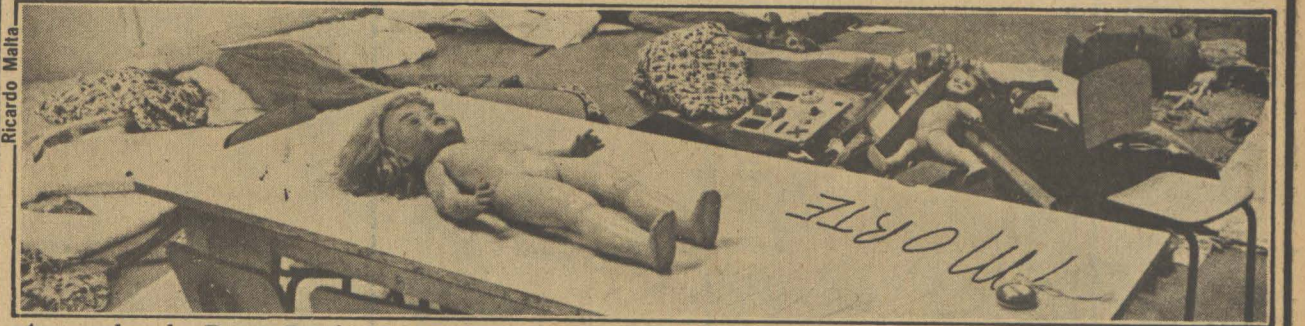
Até agora essa alternativa encontrou resistências até em setores capitalistas brasileiros e o governo vacila em abraçá-la de corpo e alma, com medo do preço político que teria de pagar. Mas é neste

sentido que Figueiredo e sua equipe caminham, pois o FMI é um patrão poderoso demais para tolerar demoras no cumprimento de suas ordens.

A única força capaz de impedir que o governo se atire nos braços do FMI, de evitar o super-arrocho que está para vir e enfrentar o arrocho que já está aí é a força dos trabalhadores unidos e mobilizados.

O país está às vésperas da temporada mais importante de campanhas salariais — bancários e petroleiros de todo o Brasil, metalúrgicos de S. Paulo e de Minas Gerais, entre outras categorias. O rumo dessas campanhas vai definir em grande medida a sorte da receita do FMI. Se os trabalhadores conseguirem agir com a unidade, a firmeza, a organização e a garra que o momento exige, obrigarão o governo a pensar duas vezes antes de acatar as ordens dos patrões imperialistas. Isso dá às campanhas salariais dos próximos meses uma dimensão nova.

LIÇÕES DA LUTA OPERÁRIA



A creche do Bom Retiro (SP) depois do atentado nazifascista: mensagem de terror

Que é o fascismo

Dimitrov, operário gráfico búlgaro, líder sindical e comunista de projeção mundial, foi um dos maiores estudiosos e combatentes da luta contra o fascismo que a classe operária já produziu. Ele próprio conheceu na carne a brutalidade fascista — foi condenado a força à revelia pelo governo de seu país e esteve nos cárceres da Alemanha de Hitler, injustamente acusado pelo incêndio do “Reichstag”. Baseado na experiência do movimento operário de sua época, ele concluiu que “O fascismo é a ditadura terrorista descarada dos elementos mais reacionários da capital financeiro”. Uma conclusão que merece ser analisada pelos operários brasileiros, hoje que os fascistas voltam a atacar, acobertados pelo governo Figueiredo.

Forma e conteúdo

Dimitrov mostra que o fascismo é uma forma de Estado, de ditadura; o conteúdo, o caráter de classe, é o domínio dos capitalistas e em particular do grande capital financeiro — os monopólios industriais e bancários. O fascismo é cria do capitalismo em sua fase de crise e decadência, e por isso mesmo a luta antifascista mais coerente, mais firme e que vai às últimas consequências é a que parte da classe operária e dos trabalhadores, as forças interessadas numa nova ordem social, o socialismo, onde as próprias raízes do fascismo deixam de existir.

Mas o dirigente operário búlgaro mostrou também que o movimento operário não é indiferente às formas que o domínio capitalista apresenta. Nos regimes burgueses considerados democráticos, as liberdades existentes, mesmo mutiladas e falsificadas, permitem um desenvolvimento mais desimpedido do movimento operário e facilitam a acumulação de forças visando a revolução social. No fascismo, ao contrário, a classe dos capitalistas rasga a máscara e recorre à repressão mais brutal contra o movimento operário, o que, naturalmente, é ruim para a causa da emancipação

do trabalho.

Por isso, na luta contra o fascismo, o movimento operário não reluta em defender mesmo as liberdades burguesas, que a própria burguesia joga por terra ou sustenta de maneira vacilante. Os operários conscientes compreendem a limitação dessas liberdades, não perdem de vista a luta maior, pela democracia verdadeira, popular ou socialista. Mas compreendem também o valor das liberdades burguesas como alavancas para ajudar a organizar e educar toda a classe e seus aliados mais próximos, para a luta pelo socialismo.

Hoje, que a burguesia em crise recorre com tanta frequência aos métodos fascistas, a classe operária é freqüentemente a maior interessada na conquista da liberdade, mesmo dentro dos limites do capitalismo. Isso explica por que os operários se destacam na luta pela democracia e contra o fascismo, enquanto os liberais e democratas burgueses e pequeno burgueses, apesar de serem forças antifascistas, mostram-se ora vacilantes, ora inclinados para o compromisso.

Fascismo é terror

Dimitrov apontou também que o terrorismo político é a marca registrada, a característica número um da atuação fascista. Estando ou não no poder, o fascismo é sempre sinônimo de violência feroz, seqüestros, torturas, assassinatos políticos.

Isto se deve à missão inglória do fascismo, de defensor de uma ordem social caduca, mergulhada na crise e condenada à morte. Quando os meios “normais” do eleitoralismo, da corrupção e da chafarutagem política já não são suficientes, então a burguesia reacionária apela para o fascismo. E, de certa forma, o último trunfo, o recurso detraído que ela tem à mão. Daí seu caráter particularmente brutal.

Mas este é também o ponto débil do fascismo, pois permite ao movimento operário e popular reunir em torno de si os mais vastos setores, inclusive pequeno-

burgueses e burgueses antifascistas, isolando os centros mais raivosos da reação.

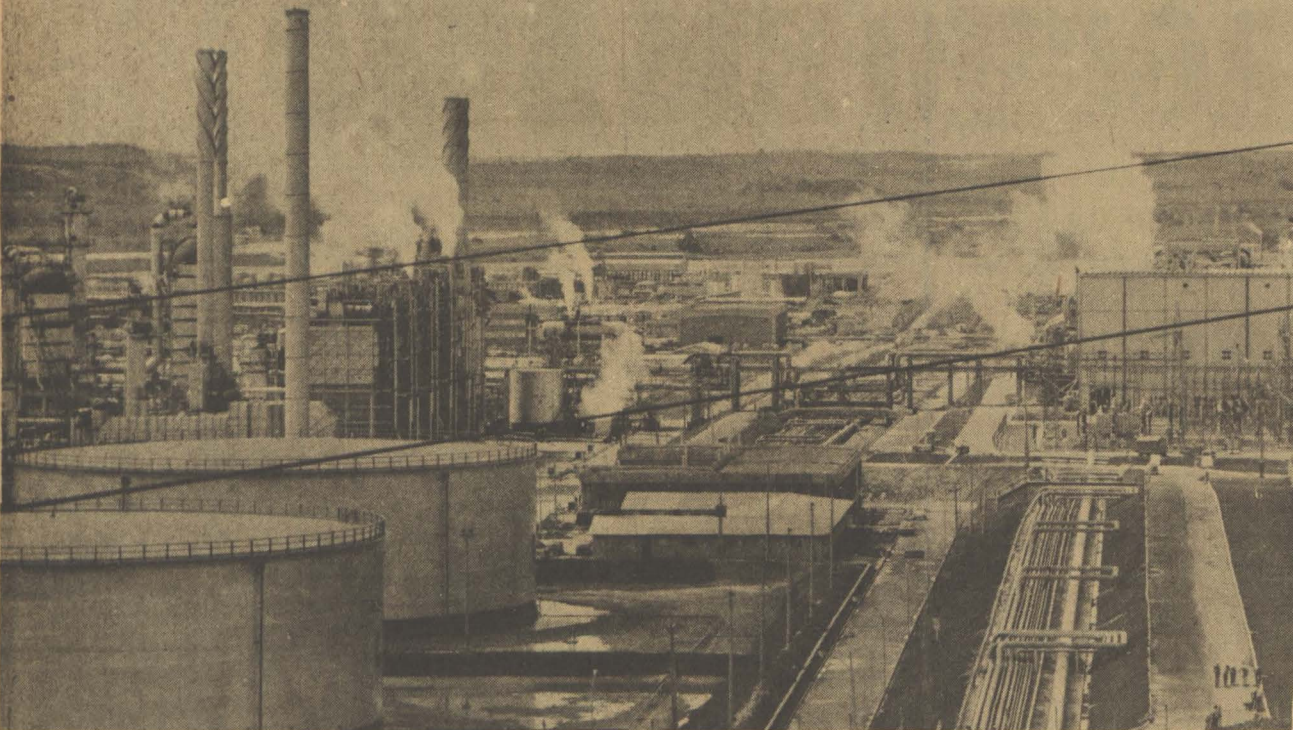
Experiência brasileira

No Brasil, as forças do fascismo têm tido uma presença constante na vida política desde os anos 30. Seu traço particular é que elas sempre se aninharam dentro do aparelho de Estado e especialmente nas Forças Armadas. Já os galinhas verdes do antigo Partido Integralista tinham fortes bases na Marinha e no Exército. E depois de 1964, quando os generais impuseram sua tutela ao país, instauraram uma ditadura de tipo militar-fascista. A doutrina da “segurança nacional”, o arbitrio político e principalmente a atividade repressiva dos órgãos de segurança das Forças Armadas obedeceram ao figurino fascista.

Por diversos motivos, entre os quais se destaca a resistência democrática do povo, esse regime terminou entrando em decomposição. Foi ficando cada vez mais difícil continuar governando pelos métodos fascistas de antes. Os militares passaram a reformar seu poder, arquivando as formas propriamente fascistas e colocando no seu lugar outras, de tipo autoritário, repressivo, mas “institucional”.

O fascismo porém continuou vivo, atuante e dominando posições de força dentro do aparelho de Estado. E na medida em que a reforma do regime começou a fazer água, ele voltou a levantar a cabeça, gozando de proteção governamental. Os agentes do terror que hoje atacam bancas de jornais e seqüestram democratas são, conforme todas as evidências, os mesmos que ontem torturavam e matavam homens e mulheres nas dependências dos quartéis.

Essa intimidade entre o fascismo brasileiro e o Estado brasileiro é o lado mais perigoso tanto de um como do outro. Vem daí a importância dos operários brasileiros relembrares as teses do velho Dimitrov e se colocarem à frente da luta contra o terrorismo fascista que anda à solta no país.



PETROQUÍMICOS DE CAMAÇARI — BA

Grande disposição de luta

Com a intransigência patronal operários de Camaçari mobilizam-se

A Assembléia do dia 16 foi marcada por uma euforia muito grande por parte dos operários, demonstrando a disposição de luta em que se encontram. Depois da primeira resposta dos patrões, as coisas já mudaram bastante no Pólo Petroquímico. Hoje, vemos em grande parte dos operários, grande disposição de luta e a necessidade de se organizarem para enfrentar os patrões e o governo. Sobre as negociações com os patrões, o secretário geral do Sindicato, João Lopes, considera que "os patrões tentaram fazer uma manobra tática. Eles, agora estão rediscutindo as nossas reivindicações de caráter econômico, para ganhar tempo, para que pareça aos trabalhadores que está havendo consenso entre a Comissão Salarial e os patrões. Além disso, eles são contra as comissões de fábrica, tiradas em convenção e são contra a garantia de emprego. Essas reivindicações são tão ou mais importantes que o percentual de aumento". João Lopes nos falou também da repressão no Pólo: "a repressão no povo não se caracteriza pela forma aberta mas sim de uma forma difusa dentro de cada empresa através de mecanismos de "controle social", usado pelas assistências sociais e pela

própria política de pessoal da empresa".

Está crescendo a movimentação

João Lopes considera que "já existe uma radicalização por parte dos patrões em cima das nossas principais reivindicações. Nesse sentido, poderá haver também uma radicalização da nossa parte como uma resposta à intransigência dos patrões e do governo".

Essa é também a opinião de mais de mil trabalhadores presentes na assembléia, quando todos gritavam juntos "Abaixo os três, ou paramos de vez" em resposta à contraproposta dos patrões de oferecer apenas 3% de aumento e de conceder reajustes só uma vez por ano.

Durante a leitura da contraproposta dos patrões, os trabalhadores viaavam no término de cada item. A assembléia vaiou também as figuras de Delfim Netto e Murilo Macedo, quando um operário se referiu às tramas que eles faziam contra os trabalhadores. No momento em que se terminou de ler a contraproposta, toda assembléia exigiu que o documento fosse rasgado, demonstrando vivamente o que os

trabalhadores acharam da proposta.

Todos devem participar

Para Walter, presidente do Sindiquímica, e que teve seu pronunciamento muito aplaudido, "os patrões pretendem fazer um retrocesso nas conquistas de 79. Temos que arregaçar as mangas e não admitir que isso aconteça. Por isso existe uma necessidade de organização de todos os trabalhadores. Não devemos pensar apenas em nossa categoria, pois é preciso unir todos os trabalhadores. Não devemos apenas ir às assembléias, e sim, no dia-a-dia, nas fábricas, nos bairros, nos butecos, senão acontece isso dos patrões quererem roubar nossas conquistas. Devemos mostrar que os patrões estão querendo enganar os trabalhadores".

Na assembléia também foi ressaltado por diversos companheiros que a campanha não pode ser dirigida apenas pela diretoria e pela comissão salarial. Todos os trabalhadores estão convocados a participarem mais ativamente da campanha, indo ao Sindicato, distribuindo os materiais, como boletins, jornais, etc. nas portas das fábricas. Para isso o sindicato está aberto das cinco da manhã até a meia-noite.

METALÚRGICOS — SP

Vamos reconquistar o sindicato

No domingo, dia 17 de agosto, foi feito o lançamento do Movimento de Oposição e Reconquista do Sindicato dos Metalúrgicos de São Paulo. Com a presença de mais de 150 pessoas e mais de 30 entidades de trabalhadores e também com participação dos parlamentares Aurélio Peres do PMDB e Irma Passone do PT.

O Movimento de Reconquista é um esforço de união de todos os metalúrgicos que estão contra a atual diretoria que está no sindicato desde 64. O avanço da luta dos trabalhadores e principalmente a última greve de 40 dias dos metalúrgicos do ABC demonstraram a importância de um sindicato combativo e com ampla democracia interna.

A reunião de lançamento foi realizada no Sindicato dos Vinteiros porque a diretoria pelega não permitiu o uso do prédio dos metalúrgicos. Isso mais uma vez demonstra os métodos ditatoriais que o pelego usa para impedir o avanço da luta e da liberdade sindical.

Um balanço das atividades

A maior parte da reunião foi para fazer um balanço da Campanha de Sindicalização e das atividades dos núcleos de bairros e comissões de fábrica do Movimento. Falaram os companheiros do setor Leste, Moóca, Sul, Norte e Oeste, dando um quadro ainda

inicial dos mutirões, pixações, colagem de cartazes, realizações culturais e muitas outras atividades.

Uma das grandes iniciativas que tende a se ampliar ainda mais são os mutirões de sindicalização nas portas de fábricas; tem sido bastante grande a aceitação dos trabalhadores e os pelegos estão fazendo tudo para boicotar essa política.

Segundo disse um metalúrgico entrevistado pela *Tribuna*, a campanha de sindicalização tem enfrentado o boicote dos pelegos que criam uma porção de dificuldades para fornecer as fichas de sindicalização e para receber os novos associados. Outro problema que foi citado pelos presentes é que "não podemos fazer muita escolha para os companheiros serem sindicalizados, mesmo que um trabalhador entre para o sindicato sem muita consciência ele vai aprender a lutar dentro da entidade. O sindicato é de todos".

Também foi ressaltado pelos oradores a importância do apoio dos outros sindicatos e categorias e dos movimentos populares que já foram tão importantes nas últimas greves e que estão se unindo na luta pela reconquista.

A presença do Movimento contra a Carestia, de associações de bairros e de favelados, dos comitês de apoio ao movimento operário e de outras entidades deu grande força à reunião. Essa é

uma prova de que se está construindo uma unidade popular.

Aproximam-se as campanhas

Durante os últimos 15 minutos de reunião a palavra foi aberta ao plenário e isso trouxe bastante animação para os presentes: afinal de contas o Movimento luta pela democracia interna dentro do sindicato e uma das principais características dos pelegos é o cupulismo. Os pelegos têm muito medo de abrir a palavra ao plenário e têm muito medo das assembléias.

Apesar do pouquíssimo tempo dado ao plenário foi muito positiva a presença dos oradores que foram bastante combativos. A maior preocupação de todos foi a campanha salarial que segundo os oradores já está a todo vapor.

Os pelegos e seus cupinchas estão fazendo reuniões por fábrica e formando comissões de fábrica sob o seu controle, os companheiros mais combativos que participam dessas comissões estão sendo demitidos e enquanto isso a diretoria fica manobrando para não convocar a assembléia geral da categoria.

O plenário em peso aplaudiu os oradores e apoiou a proposta de todos se concentrarem no sindicato dia 22 para exigir a convocação da assembléia.

A grande vitória da reunião foi a demonstração de que a oposição está unida e que, agora o maior problema é a campanha salarial.



Nesta assembléia, os bancários de SP recusaram as propostas patronais

BANCÁRIOS — SP

Banqueiros sovinas

Unificados nacionalmente, bancários organizam-se para dar resposta aos banqueiros milionários. E pode ser a greve.

Neste ano os bancários do país deram um grande avanço em sua luta, unificando nacionalmente a campanha salarial. Pelo menos esta foi a decisão do último Encontro Nacional, realizado em São Bernardo, quando os maiores sindicatos bancários assumiram levar a campanha salarial unitariamente, por 15% acima do INPC, estabilidade no emprego, jornada de seis horas, reintegração dos dirigentes cassados, etc.

Diminuir a produção

Os 120 mil bancários de São Paulo já tiveram a primeira resposta patronal para suas reivindicações. O restrito grupo de banqueiros, que tanto enriqueceu nestes anos, ofereceu a título de produtividade somente Cr\$ 300,00. E na última assembléia da categoria, dia 17, na Câmara Municipal, os mil bancários presentes não aceitaram esta mediocridade. "Eles que comprem seis quilos de batatas com este dinheiro e comam durante o ano", ironizou um orador.

Como forma de demonstrarem sua disposição de luta os bancários aprovaram nesta assembléia não fazerem mais horas-extras e trabalharem com "mais zelo", diminuindo a produção. Também decidiram convidar os banqueiros para uma negociação pública, no próximo dia 26, na Praça Antonio Prado. E no dia 28, em local ainda não determinado, realizarão assembléia, que pode ser a decisiva.

Mais organização

Para se confrontarem com as humilhações patronais, os baixos salários e as péssimas condições de trabalho (insalubridade e neuroses — "nos hospitais psiquiátricos só se vê bancários"), estes trabalhadores terão que estar bastante organizados e mobilizados. A má organização na greve de 1979 ainda está na memória de todos, assim como a lembrança da violência policial militar.

Esta experiência também valeu para a diretoria do sindicato. Este ano a propaganda e agitação aumentou. Diariamente são publicados boletins, sai semanalmente um jornal com várias denúncias. Até anúncio no horário nobre da TV Globo foi utilizado. As sub-sedes foram reativadas. E em al-

guns bancos formaram-se comissões.

Mas ainda há críticas à forma da diretoria organizar a categoria. "Quem foi a assembléia é que quer greve. Só que para estes não foi dada nenhuma tarefa, não se

amarrou ninguém", afirma uma bancária. Outro raciocínio: "Disposição de ir a greve existe, mas os bancos ainda estão desorganizados". Mas ele não está pessimista: "Isto não quer dizer que não haverá greve".

TEXTEIS — SP

Início da Campanha

Os sessenta mil têxteis de São Paulo iniciaram oficialmente a campanha salarial no dia 17 de agosto, com a primeira assembléia geral, com a presença de 150 trabalhadores. Na sofrida categoria, cerca de quarenta por cento ganha o mísero piso salarial de Cr\$ 5,187. A insalubridade atinge a todos, nos setores de fição, tecelagem, tinturaria, etc. Segurança no trabalho inexistente. Recentemente um operário da Matarazzo morreu esmagado por um rolo de tecido.

Pelego desmobiliza categoria

A ainda pequena mobilização da categoria se deve a vários fatores, entre eles a predominância de pequenas firmas, onde o patrão engana facilmente o trabalhador com tapas nas costas, e a que a categoria é constituída de 65% de mulheres e menores mais facilmente explorados.

Para os operários mais combativos outro fator, é que a categoria não confia mais na direção pelega do sindicato. "O próprio pessoal fala que o pelego só sabe falar de recreação e futebol". Durante a assembléia foi denunciado que a diretoria não distribuiu as quarenta mil convocatórias impressas. Na Alpargatas só foram num dos turnos, "só para fazer fita". Na Calfat, onde há uma luta pela instalação de refeitório interno, nem apareceram, o mesmo acontecendo com a Vi Cunha.

Participação no sindicato

Mas mesmo com os pelegos os têxteis mais conscientes não abandonaram o sindicato. "A gente se organiza a turma para o sindicato. Onde tem trabalhador a gente está. Não para apoiar o pelego, mas para organizar nossa

luta. Nas assembléias a gente não fica brigando à toa como o pelego. Colocamos as propostas mais justa e os trabalhadores aprovam, o que isola o pelego", relata um operário.

Foi com esta prática que conquistaram, numa reunião de prestação de contas, a assembléia do dia 17, já que a diretoria não queria. Outra vitória importante foi fazer a diretoria assumir o Dia Nacional de Luta Contra a Carestia, dia 27, convocando toda a categoria para, do sindicato, sair em passeata, com faixas e cartazes, até a Praça da Sé.

Metalúrgicos e têxteis

"Até primeiro de novembro a categoria estará mobilizada. E se os patrões não chegarem a um acordo, nós daremos a resposta: greve. E vai ser melhor ainda se os metalúrgicos também entrarem em greve. Daí os têxteis farão piquetes nas metalúrgicas e eles nas nossas fábricas", afirma um operário animado, que promete parar sua fábrica, "tranquilo". Para organizar a categoria foram propostas na assembléia a formação de inúmeras comissões de fábrica e da Comissão de Mobilização.

A próxima assembléia será no dia cinco de outubro, quando se decidirá a pauta de reivindicações. Algumas exigências já são consenso: estabilidade no emprego; adicional noturno de 50%; adicional de insalubridade para toda a categoria; data-base em primeiro de outubro; delegado sindical; fim do quarto turno; luta contra a carestia; etc. O índice de aumento anual está sendo discutido, já que a inflação está em 107% e cada um aumenta mais", afirmou um dos oradores.



Metalúrgicos discutem maneira de combater o desemprego.

LUTA CONTRA O DESEMPREGO — RJ

“Um por todos, todos por um”

A ameaça do desemprego em massa pesa sobre os metalúrgicos de Niterói. Somente no estaleiro EBIN, 200 operários foram demitidos nos últimos dois meses. Abdias dos Santos, presidente recém-eleito do Sindicato dos Metalúrgicos de Niterói, escreveu para a *Tribuna Operária* este artigo:

O trabalhador não é causador da inflação nem dos problemas econômicos do país. Nada temos a ver se os banqueiros retêm o dinheiro, se os patrões seguram o lucro da produção por longos anos, aplicam-no em outras atividades ou depositam-no em bancos estrangeiros. Nada temos a ver com as leis que não foram feitas por nós e facilitam os que exploram o povo.

Nós somos os patriotas

Só sabemos de uma coisa: nós, trabalhadores, somos patriotas. Só nós cumprimos neste país os nossos deveres. Aos 14 anos de idade tiramos uma carteira profissional e disputamos uma vaga na produção até os 60 a 65 anos. Mesmo aposentados continuamos trabalhando para não passar fome.

Que culpa temos nós da inflação? Em 1964 ela chegou à casa dos 90% e os trabalhadores tiveram que pagar o pato. Eu vivi aquela época e posso dar testemunho. Milhares de trabalhadores perderam o emprego, "para salvar o Brasil". Os salários foram congelados até hoje.

Nós, da orla marítima, hoje metalúrgicos, perdemos direitos adquiridos com muita luta, como: estabilidade para os membros dos conselhos sindicais; jornada de 40 horas semanais; salário-família para esposa e filhos até 18 anos; adicional de insalubridade de 35%; quadro de carreira; e muitas outras coisas. Este foi o sacrifício que nos impuseram para "salvar o Brasil".

E o que fez o governo? O que fizeram os patrões? Simplesmente tiraram proveito de todo este nos-

so sacrifício. Estruturaram-se, fortaleceram-se, para hoje, que a inflação passou a casa dos 110%, impor-nos novos sacrifícios.

Querem que paguemos o pato

Estão aí as demissões em massa. Mais uma vez vamos ter que pagar o pato que não comemos.

As demissões são políticas e vou dizer porque. Querem criar mão-de-obra barata com um grande número de desempregados. Querem enfraquecer a organização sindical, criando medo nos trabalhadores, impedindo-os de se reunir, ameaçando-os e deixando fora da produção os companheiros mais combativos. E esta a política das demissões em massa, que se estende sistematicamente por todo o Brasil.

Companheiros, este é o desafio para todo trabalhador brasileiro. Se nós não perdermos o medo de ficar sem emprego, se não nos unirmos numa luta de um por todos e todos por um, partiremos para a autodestruição.

A luta pela federação

Natal, RN — Sindicalistas autênticos resolveram lançar uma chapa de oposição para concorrerem às próximas eleições da Federação dos Trabalhadores Rurais — FETARN — a 1º de outubro próximo. Eles acham que a atual política da FETARN, que está nas mãos de uma “elite sindical” há quase 20 anos, deve mudar, permitindo que os trabalhadores tenham vez na administração e direção do movimento sindical. O programa da chapa de oposição denuncia que os trabalhadores do nosso país vivem dias difíceis, em condições sub-humanas no campo na medida que os ricos aumentam seus lucros, ficando mais ricos, e os pobres vegetam numa miséria sem fim, sendo expulsos de suas terras pela grilagem e pelo crescimento do latifúndio.

O único obstáculo que a chapa 2 tem pela frente, pois conta com apoio da maioria dos Sindicatos de Trabalhadores Rurais do Estado, é

que 70% dos sindicatos estão atrasados no pagamento de suas mensalidades para com a FETARN, a qual cobra 20% da renda mensal, de cada sindicato para ter direito a voto. Por outro lado, Francisco Urbano (Tesoureiro da CONTAG) que encabeça a chapa situacionista, declarou que empregará todo o dinheiro disponível na CONTAG, para evitar a vitória da chapa oposicionista.

A chapa de oposição é composta por Francisco Ferreira da Silva (Secretário da FETARN), Damião de França Pinheiro (trabalhador rural), Luiz Elói de Souza (dirigente sindical), Cesário Batista da Cruz (trabalhador rural) e Sebastião Getúlio da Silva (dirigente sindical). A chapa 2 defende entre outras reivindicações a independência e autonomia sindical, reforma agrária, conquista e garantia de pleno exercício dos direitos políticos a todos os brasileiros. (Da Sucursal)



Na prisão, João Correa Neto, que justicou o bandido

Clima de guerra no Acre

O movimento de soldados e policiais ostensivamente armados pelas ruas de Brasília, pressões de toda ordem contra a diretoria do sindicato, interrogatório a qualquer pessoa que chegue à cidade, tratamento aos trabalhadores como se fossem assassinos, o medo e apreensão da população. É este o quadro da intervenção efetuada pela polícia militar e civil do Acre, a mando do governador Joaquim Macedo, na cidade de Brasília.

Foram presas doze pessoas, em consequência da ação armada feita por 100 trabalhadores na estrada que liga Brasília a Assis Brasil e que culminou com a morte de Nilão, homem forte dos fazendeiros.

Na delegacia de Brasília ainda estão presos: João Correia Neto, delegado sindical, Manoel Bento Filho, também delegado sindical, e os seringueiros Francisco Roque de Freitas, Humberto Viana de Araújo, Francisco Viana de Araújo e Otacílio Viana de Araújo, todos acusados da morte de Nilão.

A força bruta e a intimidação é a maneira como o regime militar sempre trata as justas lutas trabalhadoras. Os acontecimentos de Brasília não fogem a essa regra.

Os verdadeiros criminosos, os mandantes dos crimes continuam soltos e recebendo promoções e altos cargos. (da Sucursal)

INTERNACIONAL

TERRORISMO NA ITÁLIA

Direita assassina

Foi o mais bárbaro atentado já cometido na Itália: no dia 2 passado, a estação ferroviária de Bolonha foi praticamente demolida por uma bomba de pelo menos 30 quilos de dinamite, causando 82 mortos e deixando feridas ou mutiladas quase 200 pessoas. Inicialmente, tentou-se atribuir a chacina a organizações esquerdistas, mas depois comprovou-se quem foram os responsáveis: a extrema direita italiana, possivelmente os Núcleos Armados Revolucionários (NAR).

Mas várias outras agrupações de direita atuam no país, responsabilizando-se por centenas de homicídios e atentados, acobertadas pelo partido neofascista Movimento Social Italiano (MSI). Os terroristas de direita também contam com a omissão ou mesmo a ativa colaboração de organismos governamentais, como a polícia e o corpo de para-quedistas.

A chacina de Bolonha provocou uma enorme indignação e repúdio em toda a Itália, que se estendeu pela Europa e outros continentes. Centenas de milhares de trabalhadores foram às ruas em manifestações de protesto: Bolonha praticamente parou. Em todas as manifestações, o povo exigia que as autoridades tomassem providências enérgicas para combater os fascistas. Afinal, a demora do governo em apurar os crimes da direita é bem conhecida: até hoje não foi concluído o julgamento dos terroristas que explodiram uma bomba em um trem, matando 12 pessoas, em agosto de 1974.

O fio da meada

As investigações, por enquanto, praticamente não saíram da estaca zero. O jovem fascista Marco Affatigato, foi apontado inicialmente como principal suspeito, sendo preso pela polícia francesa em Nice, onde estava refugiado há vários anos. Passado o estardalhaço de sua prisão, os investigadores italianos informaram que Affatigato não teria participado materialmente do atentado, podendo no máximo fornecer informações sobre seus autores. Outras detenções foram feitas, mas tudo indica que o inquérito poderá perder-se em pistas vagas, sem que ocorra uma profunda investigação sobre as atividades dos grupos de direita — o que realmente levaria aos responsáveis.

Mas isto interessaria ao governo italiano? Nos países capitalistas, a polícia anda de mãos dadas com os grupos de direita, usando-os para ações ilegais ou como informantes.



Braços cruzados no porto contra os novos patrões

GREVES NA POLÔNIA

Luta de classes abala governo

“O endividamento de nosso país alcançou um nível tal que não pode ser rebaixado em nenhum caso. De todas as maneiras, as perdas de produção provocadas pela suspensão dos trabalhos só podem ser contraproducentes para a classe operária”. Esta afirmação, embora pareça, não foi feita por Delfim Netto ou Murilo Macedo, mas pelo primeiro-ministro Edward Babiuch, da Polônia — um estado dito socialista.

A semelhança não pára por aí. O governo polonês, embora se diga dos trabalhadores, está às voltas com uma poderosa greve operária, iniciada em julho em dezenas de fábricas de todas as partes do país, englobando 21 empresas. E no dia 16 passado a greve recebeu a adesão em massa dos 50 mil trabalhadores do porto de Gdansk: um reforço fundamental, pois estes lideraram um motim em 1970, provocando a queda do governo anterior.

Outro temor dos governos capitalistas, de que as greves econômicas se transformem em greves políticas, também é compartilhado pelas autoridades polonesas. Das reivindicações econômicas iniciais — como aumento de salário — os trabalhadores poloneses passaram a exigir o direito à livre organização sindical, fim da censura e dos privilégios dos altos funcionários do Partido Trabalhista Polonês (que se diz comunista...).

Os grevistas, já temperados por grandes greves ocorridas na década de 70, também decidiram unificar sua luta, formando um comitê con-

SINDICATO RURAL

‘Aumentar guerreiros’

Os lavradores maranhenses e goianos descobriram a importância dos sindicatos na luta contra a grilagem, o latifúndio, contra a violência dos jagunços, da polícia e do Exército. Estão formando novos sindicatos rurais e retomando outros que se encontravam em mãos de diretorias pelegas, para melhor se unirem e se organizarem.

João Lisboa é exemplo

A diretoria do Sindicato de João Lisboa, no município de Imperatriz, Maranhão, dá um exemplo neste sentido. Conforme sempre afirma o presidente da combativa entidade, Cosme Rodrigues Araújo, “quando se convida o trabalhador para vir ao Sindicato o objetivo é aumentar o número de guerreiros”.

Neste Sindicato há um intenso trabalho de organização dos lavradores para resistir às injustiças. Falando aos delegados sindicais, Cosme esclarece: “Vocês são o ponto de partida. Temos duas classes, a rica e a pobre. A rica já é organizada, talvez mesmo devido ao seu pequeno número. A dos pequenos encontra-se em dificuldade para se organizar. Isto depende do nosso trabalho e principalmente do trabalho dos delegados, que são aqueles que mantêm contato mais estreito com o lavrador lá no interior”.

O Sindicato tem sofrido inúmeras pressões, principalmente da prefeitura da cidade, Nita Menezes, que já o ameaçou de intervenção. Mas o terrorismo não amedronta a diretoria, os delegados de base e os lavradores de João Lisboa, em cuja área a grilagem não campeia e o boi não anda comendo a roça de ninguém.

Sampaio já tem sindicato

Do outro lado do Tocantins, Estado de Goiás, os lavradores do povoado de Sampaio invadiram as terras que o grileiro Rezende Martins queria tomar. Já estão brocando e derrubando em mutirão quatro alqueires onde plantarão suas roças este ano.

E plantaram também a reorganização do seu Sindicato. Em 1979 a entidade foi desativada por um ataque terrorista de grileiros, sob o comando do major Curió, que seqüestrou a diretoria provisória e até bombardeou o povoado. “Não sei o que é terrorista — disse um lavrador a respeito — mas sei que ruim é quem anda perseguindo os pobres”. (da Sucursal de S. Luis)

Newton Miranda



Neste morro milhares de trabalhadores garimpam ouro em meio a excrementos humanos

MISÉRIA NA TRILHA DO OURO

Depois de dez anos na clandestinidade, Newton Miranda, ex-diretor da UNE, retornou a sua terra natal, Marabá, no Pará. Numa série de artigos ele conta o que viu, começando pelo garimpo de Serra Pelada, que o ministro Cesar Cals acaba de decretar como “modelo para toda a Amazônia”.

Na Serra Pelada, a 150 km de Marabá, mais de 20 mil homens enfrentam doenças, acidentes, humilhações e até a morte, trabalhando duro, cavando e lavando cascalho, atrás de ouro. Arrancam da serra uma tonelada por mês, mas levam uma vida de escravos.

Volta da escravidão

“Os policiais são muito brutos conta um garimpeiro — todo mundo é humilhado. Eu mesmo fui chamado de filho da puta, mas ainda acerto as contas com aquele cara”. Outro diz: “Aquilo é um verdadeiro campo de concentração, é a volta da escravidão. Lá o sujeito nem pode falar alto”. Outro trabalhador, que pegou uma pneumonia no garimpo, afirma: “Os garimpeiros que não têm carteira eles prendem, amarram e deixam no sol quente, sem água, a pessoa fica babando que nem cachorro”. Outro ainda denuncia: “Uma vez o Curió mandou fazer uma fila prometendo dar carteiras aos que não tinham. Depois da fila pronta ele prendeu todos”.

O regime que vigora é de quar-

tel. Todo dia é hasteada a bandeira brasileira e os trabalhadores têm que gritar vivas às Forças Armadas. Há ainda os acidentes. “Em julho — conta uma freira — caiu um barranco e soterrou mais de dez garimpeiros, com dois mortos”. E os preços absurdos: um quilo de carne, 350 cruzeiros, uma lata de óleo 150, um sabonete 50, um leite condensado cem cruzeiros. Mesmo assim, o ouro é a conversa e o sonho de todos em Marabá.

Intervenção militar

No dia 1º de maio o governo interveio no garimpo, através da Polícia Federal e do Exército, comandados pelo major Curió, membro do Conselho de Segurança Nacional, conhecido pela repressão na guerrilha do Araguaia e pelo controle que exerce na região desde então. Segundo um morador de Marabá, o misterioso Major Curió já disse que sua intenção é ser o primeiro governador do possível novo território do sul do Pará, o território de Marabá.

Com a intervenção foram montadas barreiras para impedir que os garimpeiros saíssem com ouro, obrigando-os a venderem para a Docegeo (Vale do Rio Doce). Os garimpeiros tiveram suas armas apreendidas, foi abolida a taxa cobrada pelo dono do terreno e em seu lugar passou-se a cobrar imposto de renda. Só os que portam carteira de garimpeiro podem trabalhar e desde a intervenção não se liberou mais carteira. Não se permite a entrada de mulheres na área.

Desde o início a Docegeo montou um escritório para comprar o ouro extraído, mas a maioria dos

garimpeiros prefere vender o ouro em Marabá onde o preço é maior. E, segundo um garimpeiro, “a Docegeo só permitiu a exploração porque quando chegou já havia três mil garimpeiros e a expulsão criaria um problema social, gerando conflitos onde todos andam armados. Além disto a Docegeo não acreditava que houvesse tanto ouro”.

Entrega às multas

Além da Serra Pelada já foi descoberto ouro em vários lugares da região. Mas para impedir a exploração desta vez, o Exército está patrulhando a área de helicóptero e prende quem é encontrado garimpando. Sem dúvida o Exército está zelando pelos interesses das multinacionais que pretendem abocanhar todos os minérios que existem na região.

Segundo o Movimento de Defesa da Amazônia, “há na serra dos Carajás reservas de 60 milhões de toneladas de manganês, 1 bilhão de toneladas de cobre, 40 milhões de toneladas de ouro, 100 mil toneladas de estanho, fora o zinco, a prata, o cromo, o amianto, etc”, e acrescenta que “os minerais estratégicos provocam uma autêntica corrida das corporações internacionais. Em apenas dois anos (1973/74), por exemplo, seis grupos importantes (Royal Dutch Shell, Saint Joe Minerals, Saint Gobain, International Nickel, Brascan e United States Steel) quiseram nada menos que 168 áreas para pesquisa mineral em dois municípios do Pará — Marabá e São Félix do Xingu”.



Albânia: o socialismo de verdade

exploração do homem pelo homem. Mesmo ali perto, na Iugoslávia dita socialista, esses contrastes existem, e são gritantes. Já no Aeroporto de Belgrado, choca a vista a diferença entre os emigrantes, pobres, humildes, verdadeiros “paus-de-arara” internacionais, e de outro lado os turistas e homens de negócio, vestidos luxuosamente, carregados de sacolas contendo uisque, escocês ou perfumes franceses. Na Albânia não. Ali vigora a lei do socialismo proletário, instituída na União Soviética de Lênin e Stálin: quem não trabalha não come.

O fim dos exploradores

A diferença entre os salários mais baixos e os mais altos passou a ser de um para dois. Nenhum outro país conseguiu até hoje uma aplicação tão plena e igualitária do princípio da remuneração socialista: de cada um segundo sua capacidade e a cada um segundo o seu trabalho.

Mas isso não é tudo, nem o principal. Nos países capitalistas, os contrastes de classe não vêm principalmente das diferenças entre os baixos e os altos salários, mas do abismo crescente entre os fabulosos lucros da minoria exploradora e a miséria da maioria explorada. Na Albânia, o socialismo acabou com as classes exploradoras.

Logo depois que o país libertou-se dos invasores nazistas, em 1944, uma reforma agrária democrática liquidou com a base econômica dos grandes proprietários de terras, que lá chamavam-se *beis* e *agás*. As minas, os campos de petróleo, os bancos e indústrias maiores também mudaram de dono, passando para as mãos do poder popular. Porém os albaneses foram mais adiante. Depois de eliminarem os grandes exploradores, lançaram-se ao trabalho para acabar também com a exploração em pequena escala, que é uma fonte espontânea e permanente de capitalismo.

Nesta segunda fase, os métodos foram diferentes. Contra os arrogantes latifundiários e os grandes capitalistas estrangeiros e nacionais, usou-se a força; no tratamento dos pequenos proprie-

Terra de igualdade



“Estudar, trabalhar, criar, realizar, manter a vigilância”

tários, camponeses e artesãos, o método foi o da conscientização. Pouco a pouco, todos aderiram à coletivização da economia, no campo e nas cidades. Hoje, já faz mais de uma década que a propriedade privada transformou-se numa peça de museu na Albânia.

Nem ricos nem pobres

O fruto visível desse sistema é o fim da desigualdade sociais. Na Albânia ninguém mora em palacetes nem em favelas. Ninguém passa fome e qualquer trabalhador pode frequentar até o restaurante mais caro do país. Ninguém tem carro próprio, mas o uso da bicicleta é bastante difundido. Consequentemente, ninguém se sente socialmente superior ou inferior aos outros. Até na linguagem isso se reflete; tratamentos como *senhor* ou *excelência* foram também para o museu das velharias e as pessoas tratam-se por *companheiro* simplesmente.

Numa família albanesa média de cinco pessoas, geralmente duas ou três trabalham. Também há um bom número de aposentados, agora que os anos de socialismo e bem-estar aumentaram a expectativa média de vida.

Lição bem aprendida

Um dos maiores orgulhos dos albaneses é a estabilidade que conquistaram. Os preços, por exemplo, jamais aumentam. Entra ano e sai ano, continuam os mesmos. Quando existe uma mudança, é para menos. Também há plena estabilidade no emprego: ninguém é posto na rua.

Depois que a União Soviética desviou-se do caminho socialista, os albaneses passaram cuida-

dosamente em revista seu sistema social, buscando aprender com aquela lição negativa e impedir que o mesmo acontecesse em seu país. E o resultado veio através de diversas medidas práticas para prevenir o surgimento de uma camada burocratizada de novos patrões.

Atualmente, todos os quadros dirigentes, do Partido ou do Estado, trabalham diretamente na produção durante um período fixo por ano, geralmente de um mês. O objetivo é reforçar a ligação entre a direção e a base, impedindo que a vertigem do poder suba à cabeça dos menos firmes.

Os comunistas, que formam a vanguarda da sociedade albanesa, nem por isso constituem uma elite econômica ou social. Numa fábrica, oito ou nove em cada dez membros do Partido trabalham diretamente na produção, como qualquer operário. E quem quiser ingressar no Partido mas não for operário ou camponês tem de cumprir um estágio de três anos na produção para ser testado. Quem se forma na universidade também passa um ano na fábrica ou no campo, antes de começar a exercer sua profissão.

Outra medida importante é a circulação de quadros, da direção para a base e vice-versa, sempre visando impedir que as pessoas se acomodem em posições de mando e criem hábitos burgueses.

Todas essas providências e muitas outras funcionam como uma garantia de que o caminho socialista não será abandonado. E os operários albaneses têm a mais profunda convicção de que o seu exemplo ajudará os trabalhadores de todo o mundo a livrarem-se também da escravidão capitalista.



fala o POVO

“Fala o Povo” é uma seção que reflete vivamente os acontecimentos em curso, os aspectos que mais se destacam num determinado período. Neste número, recebemos muitas cartas denunciando o terrorismo de extrema direita e em solidariedade com os atingidos. É que neste período, a escalada do terror vem sendo respondida com um amplo movimento de repúdio das forças populares e democráticas.

Contamos com você para que esta seção continue a ser a mais lida deste jornal, divulgando as lutas, a experiência, os sofrimentos e alegrias de nosso povo. Mande seu recado. Nosso endereço é: rua Conselheiro Ramalho, 501, Bela Vista, SP; CEP 01325. (Olivia Rangel)

Não temos nada, só mesmo nossa vida

A finalidade desta carta é somente falar de nossas vidas. Somos pobres, sem condições e vivemos do coco. Então o babaçu devia ser liberto. Mas é o seguinte: nós vamos para a solta juntar o coco, porque é disso que nós vivemos. Mas os donos das soltas falam é de bater na gente de piola (espécie de chicote).

O Sr. Gentil Leite tem três soltas, todas três arrendadas. Os pobres rendeiros pagam com 25 quilos de coco por semana. Na semana que não tem coco, ele corta os cachos para quebrar e dar os 25 quilos. Se não der, na outra semana tem que dar 50 quilos. Desta maneira o reendeiro só ganha as cascas para fazer carvão e vender para comprar pão para os filhos. O Gentil mesmo diz que a solta dele só entra o reendeiro, se entrar outra pessoa pega bala.

O Chico Mariano diz todo dia que no dia que pegar uma mulher dentro das soltas dele bate de piola. E anda armado de facão para fazer medo às mulheres. O Raimundo Benvido corta até as palmeiras para não servirem para os pobres.

A Salu, do Albino, bota mesmo é prá bater. E nem que seja na beira da estrada derrama os cocos que pegamos e bagunça mesmo.

O Chico Cearense não quer que se passe dentro das soltas. Os capangas do Chico bateram em quatro moças, as pobrezinhas perderam até os machados. O Zeca Cassiano até das cascas do coco quer renda. O Vicente Jovita é o prior de todos. Os capangas do José Gildo quase mataram umas mulheres. Botaram os cavalos para correr atrás delas e eles na frente batendo de piola. Elas conseguiram atravessar o arame e uma caiu no chão, numa grande agonia, não tinha por quem chamar. Com muito tempo ela tornou. As pobres, mortas de fome e sede correram duas léguas dentro das soltas. Perderam os machados e os cocos.

Aqui terminamos, pedindo às autoridades do Maranhão que tenham compaixão e deem um jeito para vivermos melhor, pois não temos nada, só mesmo a vida. (Quebradeiras de coco do Cuaçu - Esperantinópolis, MA)



Apodreça aí, seu...

No dia 27 de julho de 1980 chegaram à minha pequena livraria 4 soldados e 1 sargento, todos à paisana e sem mandato de prisão; me forçaram a acompanhá-los até o Comissariado de polícia local de onde seria conduzido a Marabá para prestar depoimento. Ocasão em que solicitei ao policial que havia-se identificado como sargento que me permitisse avisar meus familiares. Quando nos aproximávamos da igreja, mudando de opinião e de forma violenta, os policiais me impediram de telefonar e me conduziram à delegacia. No mesmo dia fui logo pro xadrez no quartel da PM em Marabá, no km 04 da Transamazônica.

Quando ia chegando fui avistado pelo Capitão Luis Correia que mandou me prender. Depois de uma hora o Capitão me chamou e me acusou de ter contratado um pistoleiro para matar um soldado seu; e depois de outras acusações fui levado à cela onde fiquei dois dias sem comer e quatro dias incommunicável.

Neste período, solicitei a presença do General Braga, comandante do Batalhão que ao me ver lá disse: “Desde o dia que te vi em Goiânia, com aquela conversa mole, eu pensei cá comigo, um dia tu cai na minha mão. Agora tu vai apodreçar aí seu filho da puta”.

Somente no dia 30 fui ouvido em depoimento pelo Capitão Correia, o tenente Modesto e um representante do Getat, e poucas perguntas foram feitas a respeito das acusações. O interrogatório era sobre a minha vinda para a região, minhas relações com a Igreja, tentando conseguir algo que incriminasse a Igreja e também sobre o meu discurso no dia 20 de junho em Arraias.

Pai nosso que estais no Céu Santificada seja a libertação do vosso povo venha a nós a justiça merecida Seja feita a vossa vontade Como também a nossa Pois queremos ser um povo livre de opressões O pão nosso é negado porque nos falta a terra Perdoai-nos, ó Deus pelas vezes que aceitamos o erro E não nos deixai cair nas garras dos poderosos e Livrai-nos dos atravessadores. Amém.

(M.L. - Capivara, CE)

O governo não come arroz, como nós?

Nos dias 24 e 25 de julho último três grupos de lavradores, posseiros antigos que trabalham em mutirão, foram atacados por 18 policiais, um oficial de Justiça, um tenente e grileiros, todos armados com fuzis e metralhadoras.

Eles atacaram os povoados de Sumaúma, Centro dos Mulatos e Buriti, nos municípios de Sítio Novo e Araguaatins. Em dois povoados chegaram antes de clarear o dia, às 4hs da manhã. Invadiram casas, prenderam os posseiros, despejaram-nos de suas residências, humilharam homens e mulheres e crianças, queimaram casas, proibiram os lavradores de continuar trabalhando na terra, tomaram ferros, foices de trabalho e espingardas de caça, obrigaram todo mundo a assinar um mandado liminar de manutenção de posse a favor dos grileiros, a mando do juiz de Araguaína, João Batista de Castro Neto, um dos maiores grileiros da região. Os grileiros que participaram dos ataques são: José

Ferreira, de São Paulo; Denerval Rodrigues de Cunha Filho, de Araquari, Minas Gerais.

Entre as humilhações que o povo sofreu, destaca-se a seguinte frase, pronunciada pelo soldado Celcimar, na Praça de Sumaúma: “O governo não precisa dos pobres, precisa dos ricos, que têm dinheiro; e vocês pobres não têm”. Ao que um lavrador respondeu: “O que é que o governo come, não come arroz, como nós?”

Os posseiros, apesar de todas as arbitrariedades, violências, perseguições e humilhações continuam resistindo, pois precisam da terra para plantar e dar de comer aos filhos. Preferem morrer na terra trabalhando, pois morrem diariamente de fome, doença, falta de liberdade. E se não deixarem-nos plantar, terão que tomar daqueles que têm demais: os grileiros, que roubam seu chão e seu direito de trabalhar, apoiados pelas autoridades. (L. - Arixá, GO)



Liberdade limitada

Vinha eu caminhando para a entrada do meu apartamento, quando vi na minha frente dois rapazes correndo e passando por mim e, mais atrás, a polícia de armas em punho.

Em meio a todo receio, subi apressadamente. Ao abrir a porta, esqueci as chaves do lado de fora, na pressa de me proteger. Logo atrás veio a polícia. Os policiais invadiram nosso domicílio a pontapés. Com medo da situação piorar, me apresentei e então passei a levar tapas, murros e bofetadas no rosto e no corpo, fui ameaçado com revólveres de todos os lados. Perguntaram-me gritando onde estavam os outros, o que eu não sabia, pois não era nenhum assaltante.

Eles então acordaram meus colegas de apartamento ameaçando-os com revólver e fazendo perguntas absurdas sem ouvirem as explicações. Levaram-me para debaixo do bloco e lá me espancaram brutalmente, perguntando-me a todo instante onde estavam os outros, fazendo-me sangrar pela

boca e quase quebrando minhas costelas.

Levara-me para a delegacia e lá milagrosamente pude mostrar minha identificação estudantil da Universidade de Brasília. Telefonando a um advogado amigo pude afinal ser liberado, um dia depois.

Tudo isso mostra o quanto está limitada a liberdade das pessoas neste país, o perigo que se corre toda hora por parte da própria polícia, cujo objetivo deveria ser o de manter a ordem e zelar pela segurança de cada cidadão, mas que na verdade não passa de um instrumento manipulado pela ditadura, com todo seu caráter repressivo.

Sou estudante da UnB e vendo por aqui edições da *Tribuna Operária*; conto com a colaboração do jornal para publicar esta denúncia, para que os leitores saibam o que ocorre nos bastidores deste regime repressivo e decadente. (A.J. - estudante da UnB - Brasília, DF)

Prá luta não parar

Meus amigos das vilas De Curitiba, Paraná estamos muito unidos para a luta não para

mas dou para a COHAB que com o povo vai negociar

No dia 8 de julho com o prefeito encontramos muitas coisas ele prometeu mas tanta coisa está faltando

Se a COHAB entrar e as áreas negociar, o povo paga 15 anos e ainda não termina de pagar.

Não adianta o prefeito querer nos oprimir nós queremos democracia e a luta não vai cair

Depois deste encontro muitos meses se passou e as assistentes sociais muitas coisas aprontou

Elas são muito bem pagas para o povo tapear estão tapeando o povo para a COHAB entrar

O prefeito disse ao povo: os lotes não é prá dar

E um dia neste país quando a política mudar a terra vai ser do trabalhador, é o pobre que vai mandar

Viva o socialismo Viva a tendência popular Viva o povo unido, Abaixo o governo militar!

(V.L.S. 15 anos - Curitiba, PR)

CHEGA DE EXPLORAÇÃO QUEREMOS MAIS ARROZ E MAIS FEIJÃO
QUEREMOS MELHORES SALÁRIOS. ABAIXO A DITADURA
QUEREMOS LIBERDADE (O) ABAIXO A REPRESSÃO
ABAIXO A CARESTIA
REFORMA AGRÁRIA
ABAIXO O CAPITALISMO
ABAIXO A LSN.
ANISTIA AMPLA E IRRESTRITA
FORA OS EXPLORADORES ESTRANGEIROS
LIBERDADE SINDICAL

TRABALHADOR UNIDO JAMAIS SERÁ VENCIDO

A lei do cão

O Cotonifício José Rufino, a 40 quilômetros de Recife, foi um dos primeiros construídos na região, com pouco mais de mil operários, no subúrbio de Pirapama.

As operárias de uma seção, cujas máquinas foram consideradas superadas, foram demitidas. Quinze delas tinham 29 anos e alguns meses de vínculo empregatício e receberam apenas 10 mil cruzeiros de indenização. A vontade de reclamar é grande, mas elas têm receio de que seus filhos, que também trabalham no Cotonifício, percam o emprego.

Há uma quantidade considerável de operários com menor idade, recebendo apenas 529 cruzeiros por semana (cerca de 2 mil cruzeiros por mês). Trabalham 48 horas semanais e recebem menos que o salário mínimo regional.

Todas as licenças médicas são

anotadas na carteira profissional, isto para permitir um maior controle dos que ficam doentes com maior frequência. Sem falar no fato de que as condições de insalubridade são as piores possíveis.

Na data em que se comemora a emancipação política do Cabo, 9 de julho, “Rei Guilherme” — como é chamado o proprietário da fábrica — não permitiu o feriado, o que não foi aceito pelos trabalhadores. Em represália, ele afirma que não pagará logo o aumento.

Além disso, o reajuste salarial que está em vigor desde 1º de junho, conforme dissídio da categoria, ainda não foi pago.

Existe no cotonifício um generalizado clima de revolta. Em relação ao sindicato, consideram a atual diretoria acomodada e submissa aos interesses dos patrões. (Núcleo de apoio à Tribuna no Cabo, PE)

Artistas apóiam os jornais alternativos

A CAIS — Cooperativa dos Artistas Independentes dos Subúrbios — vem a público manifestar o seu veemente repúdio aos atentados contra bancas de jornais e expressar sua solidariedade aos jornalistas e especialmente aos jornais *Tribuna Operária*, *Hora do Povo*, *Companheiro*, *Em Tempo*, *Coojornal*, *Voz da Unidade*, *Movimento*, *Correio Sindical*, *O Pasquim*, *O Trabalho*, *O Repórter* e *Convergência Socialista*.

Tais práticas criminosas visam a disseminar o terror entre os jornalistas com a finalidade de reduzir o avanço da imprensa alternativa.

Contudo, sabemos muito bem que nem os jornalistas se intimidarão, nem os jornais alternativos deixarão de defender os interesses populares.

Por outro lado, queremos deixar bem claro que ações desse tipo crescem à sombra da omissão governamental, pois há dezesseis anos que se cometem crimes e atentados contra pessoas, jornais e entidades que lutam pela democracia e nenhum deles deu o governo a apurar responsabilidades e punir os culpados. (José Antônio Cavalcanti - Diretor de Imprensa da CAIS - Rio de Janeiro, RJ)



Passos vigiados

A administração do Banco Econômico do Ceará vem perseguindo um membro da sucursal da *Tribuna Operária* no Ceará. Trata-se da companheira Daciane Barreto, que é membro da comissão salarial dos bancários.

Ultimamente, com o desenvolver da campanha salarial, ela, que era lotada na Direção Geral, foi transferida como punição para a agência do Banco. Logo em sua apresentação, o chefe foi transmitindo um recado da administração: “Aqui você está terminantemente proibida de vender jornal alternativo e de falar em sindicato; seus passos vão ser vigiados”. E isso ocorreu mesmo. Pelo simples fato dela ter recorrido a seu ad-

vogado para tratar de assuntos pessoais, o chefe da referida agência transferiu-a imediatamente para a seção de depósito.

A referida funcionária não se dobrou diante das ameaças policiais e levou os fatos ao conhecimento da diretoria do sindicato e da comissão salarial de base.

O sindicato tomou providências através de sua diretoria falando com a direção do Banco e a comissão salarial saiu com uma nota em nome do sindicato dos bancários, repudiando o comportamento opressor e mesquinho da administração do BEC. (M.L.F. - Aracoiaba, CE)

Até o fim com sua classe



O Velho Chico, como era chamado pelos que o conheciam, tinha mais de 40 anos de militância revolucionária, tendo, em diversas ocasiões, conhecido os cárceres da repressão. Exemplo disso foi a prisão que sofreu em 1973 pelo DOI-CODI paulistano, ocasião em que foi barbaramente torturado pelos seus algozes.

(J.D. - São Paulo, SP)



SP: 7 mil pessoas dizem basta aos atentados terroristas e denunciam a cumplicidade de Figueiredo

NÃO AO FASCISMO

A Quem não acreditava teve que se render à evidência: o ato público de repúdio ao terrorismo, realizado no Teatro da Universidade Católica de São Paulo, no dia 11 de agosto, foi um êxito. Mais de 7 mil pessoas compareceram, 140 entidades estiveram representadas. E apesar das provocações de alguns policiais que se infiltraram na multidão jogando pó químico e gás lacrimogêneo, ninguém arredou pé até que tudo terminasse.

Unidade contra o terror

Foi, antes de tudo, um ato de unidade de amplas forças contra o terrorismo da extrema direita acobertado pelo regime militar. Entre os oradores estiveram presidentes dos partidos parlamentares de oposição, dos sindicatos atingidos, de entidades de massa e dos jornais alternativos, além de algumas personalidades.

A tônica dos discursos foi a mesma: a necessidade de combater o terrorismo da extrema direita. Todos, inclusive os liberais, acusaram o governo militar, considerando-o, no mínimo, conivente com os atentados e seus autores. E muitos apontaram como saída política a convocação

de uma Assembleia Constituinte. Um dos discursos mais inflamados foi o do presidente nacional do PMDB, Ulisses Guimarães. Referindo-se ao odor de gás lacrimogêneo reinante na sala, ele afirmou: "Nós sabemos, nós sentimos um odor fétido no ar, com o qual se pretende tumultuar essa nossa manifestação. Mas o que está apodrecendo, se é que ainda não está podre, é o cadáver da ditadura, do autoritarismo".

A batalha continua

A formação de uma frente com essas dimensões contribui para impedir que o terror crie raízes. É a melhor resposta aos atentados, que visam o isolamento dos trabalhadores, do povo, das forças mais conseqüentes — no fundo os principais alvos dos terroristas. Participando efetivamente desta frente, além de não se isolarem, os setores populares imprimirão mais combatividade e conseqüência à luta contra o terrorismo.

A frente antiterror não se restringe ao ato público nem a São Paulo. No dia 14 de agosto foi lançada em Belo Horizonte a Campanha Contra o Terror, que lançou o Comitê de Solidariedade aos Movimentos Democráticos e Populares, com a presença de

cerca de 400 pessoas. Na Assembleia Legislativa mineira foi aprovada uma CPI do terror. No Rio de Janeiro, um ato público de repúdio ao terrorismo contou com cerca de mil participantes. Em Porto Alegre foi criado um comitê contra o terrorismo e no Ceará também ocorreram manifestações públicas de protesto contra os

atentados.

Se os trabalhadores e o povo participarem efetivamente dos comitês contra o terror a nível estadual e de sua articulação a nível nacional, estará criada uma frente capaz de deter a mão dos fascistas, que até hoje agem sob o manto de impunidade estendido pelo regime militar. (Olivia Range)

OS FASCISTAS NÃO QUEREM QUE VOCÊ LEIA ESTES JORNAIS; NÃO SE DOBRE!

Leia, assine, venda Tribuna Operária, Companheiro, Convergência Socialista, Coojornal, Correio Sindical, Em Tempo, Hora do Povo, Movimento, Pasquim, Repórter, Trabalho, Voz da Unidade.

Tribuna da Luta Operária

DITADOR ARGENTINO NO BRASIL

Visitante indesejável

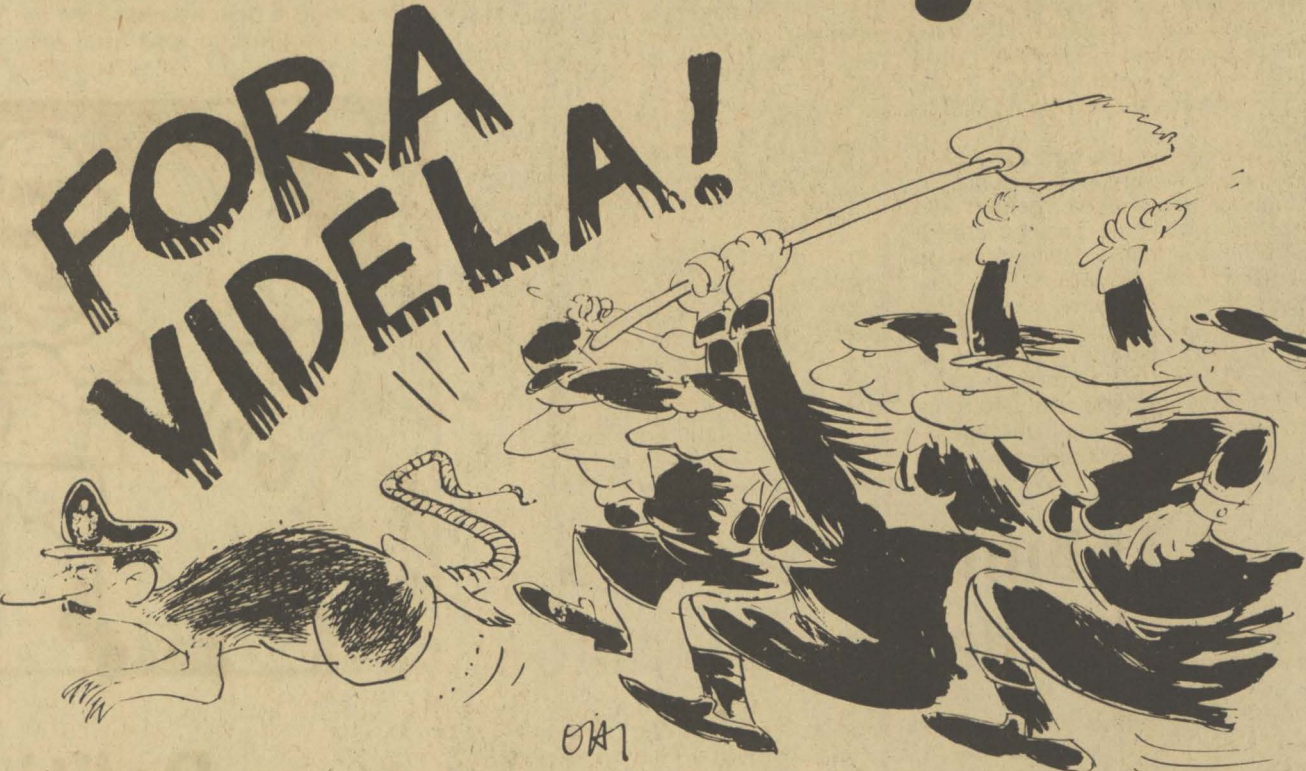
No Brasil Videla encontra Figueiredo de braços abertos e o povo de punhos erguidos contra a ditadura argentina.

O ditador argentino Jorge Videla foi recebido com festa dia 19 na base Aérea de Brasília, por Figueiredo e a totalidade dos seus ministros. Mas o Brasil em peso, desde o homem da rua até todos os partidos de oposição, repudia indignado a visita do carrasco argentino.

Em todas as cidades por onde passará Videla — Brasília, Rio, S. Paulo e Porto Alegre — estão previstos protestos. Em particular no Rio Grande do Sul, que faz fronteira com a Argentina, é grande a revolta com a visita do ditador. Por outro lado, os parlamentares oposicionistas recusaram-se a receber Videla no Congresso.

Não é para menos. Videla é um dos mais odiados e odiados ditadores da América Latina. Outra visita que ele tencionava fazer recentemente, ao Peru, chegou a ser suspensa, tamanha a reação do povo peruano. Videla é o homem que, numa reunião de chefes de Estado Maior das Forças Armadas latino-americanas em 1975, afirmou que "o Cone Sul precisa de um banho de sangue". E o homem que levou à prática essa orientação em seu país, chefiando uma das ditaduras mais sangrentas da América Latina, dirigida principalmente contra a combativa classe operária argentina. E mais ainda, é o homem que acaba de patrocinar a ajuda militar argentina ao golpe de Estado do gorila Meza na Bolívia.

A cooperação entre Brasília e Buenos Aires nessa atividade suja é um dos temas da agenda das conversações Videla-Figueiredo no Brasil. Segundo o ditador visitante, uma onda de revoluções estaria se espalhando pela América Latina, a partir da Nicarágua e de El Salvador. E caberia aos governos militares do sul do Continente unirem-se para enfrentar a ferro e fogo o "perigo comunista". Com Figueiredo, Videla seguramente encontrará uma linguagem comum. Mas jamais com o povo brasileiro.



Repressão conjunta causa mortes

A polícia argentina está em ação no Brasil, e com ajuda dos órgãos repressivos brasileiros. São os próprios militares argentinos que o admitem, como o subcomandante da prefeitura naval de Puerto Iguazu, Arturo García, que declarou à imprensa: "Temos uma permanente troca de informações com a polícia brasileira, aqui, no Rio de Janeiro e em São Paulo". As últimas vítimas dessa colaboração sinistra foram os jovens Eduardo Gonzalo Escabosa e Liliana Ines Goldenberg, compelidos ao suicídio.

Eduardo e Liliana, refugiados no Brasil, pretendiam voltar à Argentina. Escolheram o domingo, dia 3, para cruzar a fronteira em Foz do Iguaçu — PR. Tomaram a barca para cruzar o rio e só então perceberam a presença de dois policiais argentinos. Quando chegaram à outra margem, em Puerto Iguazu, um dos policiais deteve Liliana e Eduardo enquanto o outro seguia até a unidade militar do porto.

Cena dramática

O que se passou em seguida foi uma cena pungente. Eduardo e

Liliana, sob a mira do policial, tentaram convencer o balseiro a voltar à margem brasileira. Antonio Alves Feitosa, "Tatu", o balseiro, afirma que nada pôde fazer porque o policial, de arma em punho, ordenou que ficasse quieto. O casal dirigiu-se aos demais passageiros, entre eles um padre e seis freiras carmelitas, pedindo que intercedessem impedindo a prisão. Não foram atendidos. Eduardo pediu ao padre, Luiz Sebastião, de Roma, que anotasse seus nomes e endereços de parentes porque só lhes restava o suicídio, opção diante da morte precedida de torturas numa das prisões de Videla. A seguir, deu um comprimido a Liliana e tomou outro. Pouco depois estavam mortos. O policial ainda sugeriu a todos que não chorassem o acontecido, pois "os mortos eram comunistas e não mereciam lamentos".

As testemunhas do crime

A livre atuação dos órgãos repressivos da ditadura argentina em território brasileiro vai ficando evidente a partir de testemunhos importantes como o do balseiro

Antonio Feitosa e de uma moça que não quer, por motivos óbvios, seu nome citado.

O testemunho da moça é este: "Naquele barco estávamos eu, meu noivo, seis freiras carmelitas e um padre italiano, além de mais algumas pessoas, aquele casal e dois policiais argentinos. Antes de cair, o rapaz e a moça se abraçaram. As freiras, horrorizadas, começaram a chorar. O policial argentino disse que não se lastimassem porque os dois eram terroristas".

O barqueiro Antônio Alves Feitosa, "Tatu", fez este relato: "Era mais ou menos uma hora da tarde quando eu estava começando a fazer aquela travessia. Além do casal de argentinos que se suicidou, tinha também no barco dois policiais argentinos, um padre e seis freiras. Quando o barco chegou na margem de lá, um dos policiais disse que o barco não voltaria até que o casal fosse detido. Um policial subiu lá na aduana (acho que para buscar reforços) e o outro ficou cuidando deles. Foi aí que eles se desesperaram e tomaram veneno". (da Sucursal de Curitiba)

Terrorista à solta

Guarde bem esta cara: é de um provocador dos órgãos parapoliciais de São Paulo, pilhado em flagrante e detido por populares durante o ato de repúdio ao terrorismo no dia 11.

Devido à pouca presença de espírito ou à vacilação de alguns parlamentares, nada de concreto se apurou sobre o agente. Todos os dados recolhidos eram falsos. Ele não se chama Ricardo Amorim, nem é aluno da Universidade Mackenzie, como afirmou. Ingenuamente, entregaram-no ao DOPS antes de averiguar a verdade. E como era de se esperar o DOPS deixou-o desaparecer.

Assim, mais uma pista foi perdida na apuração dos responsáveis pelos atos terroristas. Aliás, duas, pois um caso quase idêntico aconteceu no mesmo



O terrorista que o DEOPS soltou

dia, na Cinelândia, Rio de Janeiro, durante outro ato contra o terror. Mas as forças democráticas aprenderam a lição, aumentando a vigilância para que em outra oportunidade os provocadores não consigam sair impunes.



A diretoria da chapa de oposição metalúrgica

METALÚRGICOS — RJ

Uma chapa que saiu das bases

Joaquim Arnaldo e João de Deus falam sobre a chapa do Movimento de União dos Metalúrgicos, de oposição, lançada no dia 19 de agosto no RJ

TO — O que a chapa do MUM representa de novo para os metalúrgicos?

Joaquim — Desde o ano passado, na campanha salarial, vimos que a categoria não estava participando efetivamente da atividade do sindicato. Iniciamos um processo de discussão nas bases, chegamos a nos reunir com operários de 10 áreas do Rio, e lançamos o MUM com um programa para a chapa, a ser discutido com outros companheiros que tivessem propostas. Tiramos nas discussões representantes combativos para compor a chapa.

Defendemos que a categoria precisa de uma diretoria atuante e comprometida com os problemas da nossa classe. A diretoria atual não foi para as bases e não mobilizou a categoria.

João: Queremos fazer uma reforma nas delegacias sindicais, que atualmente são viciadas, representam no máximo uma curriola e não têm liderança. E os diretores do sindicato têm que deixar de preguiça e ir para a porta da fábrica discutir os problemas dos trabalhadores.

TO — Como devem agir atualmente os sindicalistas autênticos?

Joaquim — O caso é que os pelegos querem que a gente cumpra todas as leis. São legalistas. Mas se fizermos isto não mudamos nada. A lei proíbe qualquer paralisação.

O trabalhador unido e organizado é quem pode dar solução para seus problemas. Se não mudam as leis, eles passam por cima, como já estão fazendo com a lei de greve. A lei maior que o sindicalista deve respeitar é a decisão da categoria nas assembleias.

João: Tem que lutar por melhores salários e tem que organizar os trabalhadores para as lutas futuras. Não esquecer que a greve é uma arma dos trabalhadores.

TO — Quais os principais problemas da classe operária atualmente?

Joaquim: O primeiro problema é o salário da fome. Você vê, a gente faz hora extra para completar o salário. Ainda vai se for para comprar coisas extras. Mas para comprar o feijão, nunca!

Outro problema é o esquema de terror montado pela ditadura. O terror foi levado para a classe operária. Para a burguesia melhorou bastante, mas para o trabalhador, você vê as intervenções nos sindicatos e vê a polícia

dando porrada nos operários nas assembleias. Mas com a força dos operários isto vai mudar. A política sindical tem que ir além das simples reivindicações.

TO — O que você pensa da convocação de uma Assembleia Constituinte? Quais as condições para que isto sirva à classe operária?

Joaquim: A primeira preocupação é unir e organizar os trabalhadores. Constituinte com este governo, com estes parlamentares, que não representam a vontade do povo, vai continuar tudo na mesma. Continua até esta CLT, que é totalmente repressiva.

A questão é a seguinte: quais as forças populares que vão fazer a Constituinte? Vão participar os sindicalistas combativos? E as organizações populares? Eu sou favorável à Constituinte, mas se estes representantes do povo não participarem, vai ser só uma tinta nova nisto que já está aí.

João: Tem que ter base operária. Atualmente no Congresso só tem dois deputados operários, no meio de 400. Tem que ter liberdade para organizar, para falar, e levar os representantes operários para a Constituinte.

Atualmente, tudo que a gente quer mudar no sindicato não pode, porque a Constituição não deixa. O nosso estatuto não pode ter nem uma palavra operária que é a solidariedade, porque a Constituição proíbe. Para mudar a CLT, que todo mundo quer uma nova, se for com esta constituição, ela vai ter a mesma inspiração fascista.

TO — Algumas pessoas dizem que esta chapa é do PT. Você aceita isto?

Joaquim: Quem levanta isto, é para combater a nossa chapa. Nós sabemos que os metalúrgicos não estão todos com o PT. Se nós entrássemos nessa, estaríamos dividindo a categoria. Nossa chapa é de União dos Metalúrgicos. A luta é da categoria. A disputa vai ser entre chapas de metalúrgicos e não de partidos políticos. Os companheiros do PT que estão na chapa têm consciência disto.

João: Estamos lutando para melhorar o sindicato, para que tenha uma diretoria mais operária. Todos sabem que tenho independência em relação a estes partidos políticos legais, e que não sou ligado ao PT. Tem companheiros do PT na chapa, mas vamos fazer é uma campanha sindicalista, com uma chapa de União dos Metalúrgicos.